

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia

Caroline Domingues Silva da Costa

**SUBSISTÊNCIA, EXPRESSÃO CULTURAL E CONFLITO: uma análise do uso dos
artesanatos pelos Pataxó em Belo Horizonte – MG**

Belo Horizonte
2023

Caroline Domingues Silva da Costa

**SUBSISTÊNCIA, EXPRESSÃO CULTURAL E CONFLITO: uma análise do uso dos
artesanatos pelos Pataxó em Belo Horizonte – MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Marden Barbosa de Campos

Coorientador: Prof^o Me. Lucas Parreira Álvares

Belo Horizonte
2023

301 Costa, Caroline Domingues Silva da.
C837s Subsistência, expressão cultural e conflito [manuscrito] :
2023 uma análise do uso dos artesanatos pelos Pataxó em Belo
Horizonte – MG / Caroline Domingues Silva da Costa. -
2023.
67 f.
Orientador: Marden Barbosa de Campos.
Coorientador: Lucas Parreira Álvares.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.Sociologia – Teses. 2. Indígenas – Teses. 3. Índios
Pataxó - Teses. 4. Artesanato – Teses. I. Campos, Marden
Barbosa de . II. Álvares, Lucas Parreira . III.Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. IV.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos 06 (seis) dias do mês de Dezembro de 2023 (dois mil e vinte e três), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado da discente **Caroline Domingues Silva da Costa**, intitulada: "**SUBSISTÊNCIA, EXPRESSÃO CULTURAL E CONFLITO: uma análise do uso dos artesanatos pelos Pataxó em Belo Horizonte – MG**". A banca foi composta pelos (as) professores (as) doutores (as): **Marden Barbosa de Campos** (Orientador - DSO/UFMG), **Lucas Parreira Álvares** (Coorientador - UFJF), **Cláudio Santiago Dias Júnior** (DSO/UFMG) e **Rogério Correia da Silva**(UFMG). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação da Defesa (x)

Reprovação da Defesa ()

Belo Horizonte, 06 de Dezembro de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Parreira Álvares, Usuário Externo**, em 06/12/2023, às 11:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rogério Correia da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 06/12/2023, às 11:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Santiago Dias Junior, Professor do Magistério Superior**, em 06/12/2023, às 13:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marden Barbosa de Campos, Chefe de departamento**, em 06/12/2023, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2857154** e o código CRC **A629A426**.

AGRADECIMENTOS

Refletindo sobre minha vivência com o mestrado, imediatamente a relaciono a um ato de coragem. Por diversos momentos, me vi diante de inúmeros desafios dos quais eu tinha certeza que não conseguiria superar. E bem, aqui estou. Estou diante do meu computador, olhando para uma tela em branco, tentando organizar todos os pensamentos que invadem minha mente enquanto tento me expressar sobre o mestrado. Me lembro do momento em que eu sabia exatamente o que iria escrever neste espaço: durante meu exercício na academia, no aparelho elíptico e ouvindo a música *Numb* do Linkin Park. Hoje, neste famigerado dia da escrita dos agradecimentos, me encontro diante de tantos sentimentos à flor da pele e olhando para uma página em branco, sem conseguir ordenar meus sentimentos.

A lista é extensa, mas gostaria de começar agradecendo à minha família por ser o alicerce do que sou hoje. Se tive a oportunidade de cursar o mestrado por uma das maiores universidades do mundo, dedico este título a eles. Viver e experienciar a universidade, desde a graduação até os dias atuais, longe do aconchego dos pais, tem lá os seus perrengues. Dulce, Wagner e Bia, vocês são o meu lar não-físico. Obrigada por permanecerem comigo e por oferecerem estruturas emocionais e financeiras, facilitando o meu caminho. Sem vocês, eu jamais teria conseguido. Tenho muita sorte! Bia, você que sempre foi uma inspiração para mim, obrigada por me lembrar, de várias maneiras, sobre a importância da leveza. Meu colar está sempre comigo para que eu jamais possa esquecer. Agradeço também por todas as páginas lidas, não apenas da dissertação, mas desde a graduação até o pré-projeto. Não teria conseguido ingressar em um programa de pós-graduação sem sua ajuda. Minha eterna gratidão.

Agradeço também ao meu companheiro, Well. Você que compartilha a vida comigo há 5 anos, já viu muita coisa acontecer desde então. Eu que sou uma pessoa a favor da verbalização dos sentimentos, é difícil escrever sobre sua importância para a realização do meu mestrado. Desde o processo de seleção até o momento atual você esteve ativamente ao meu lado. Você que é inspiração para mim, fico feliz por ter um pedaço seu nesta dissertação. Serei eternamente grata por todos os abraços, colos, sorrisos, páginas lidas, correções feitas, ideias compartilhadas, *insights* e por toda empolgação ao me ouvir falar do meu tema por horas e horas. Sou grata por todas as sugestões, conselhos ou por simplesmente me acolher nos momentos precisei. Você é meu alicerce. Jamais conseguiria sem você.

Aos amigos que fiz nesta caminhada do mestrado: vocês são incríveis e únicos. Vocês foram uma surpresa agradável e fora do comum. Em um ambiente em que a regra é a

impessoalidade, contrariamos as estatísticas e nos tornamos grandes amigos. Alice, parece até estranho falar que a conheci no mestrado, dada a nossa conexão que parece ser de longa data. Obrigada por me permitir conhecê-la. Tudo começou com um passeio na Lagoa da Pampulha que, mesmo dando tudo errado, ao mesmo tempo, deu tudo certo. Duas novatas em Belo Horizonte que se ajudaram e se acolheram. Não somente a experienciar a cidade, mas também a viver o mestrado. Obrigada pela escuta, pelos colos, por secar minhas lágrimas e por me ajudar a chegar até aqui. Obrigada pelas páginas lidas, por todas as ideias e por me ajudar a organizar tudo que estava dentro da minha cabeça. Obrigada também por ampliar meu dicionário pessoal, expressões como *insights*, estruturantes e “isso não é uma questão” já fazem parte de mim. PA, nosso querido amigo ranzinza e com um coração enorme: obrigada por ser do jeitinho que você é. Você é um amigo e tanto. Fazendo um recorte para o mestrado, você é aquele que acolhe, que ajuda e que auxilia a traçar caminhos. Só tenho a agradecer por toda ajuda. Rafa, nosso querido que anima o grupo, seu jeito único de ser – acompanhado por uma risada gostosa – trouxe leveza para esse meio. Obrigada por toda partilha. Letícia, minha primeira proximidade no mestrado. Você me inspira. Com seu jeitinho prático e objetivo, me ajudou a colocar as ideias em ordem. Sou grata pela vida por ter encontrado você. Muito obrigada. Brenda, minha amiga dos encontros. Se eu conseguir aproveitar a vida como você, serei feliz. Você transborda coragem e contagia os outros a sua volta. Você é inspiração. Obrigada por todas as trocas pelo caminho. Warley, um amigo que veio da Ciências Sociais, mas que parece ser meu colega da Filosofia! Obrigada por todas as trocas, conversas e cervejas. Qualquer lugar fica mais alegre com sua presença.

Agradeço ao Léo, amigo que se tornou amigo antes mesmo do mestrado, quando tudo ainda era possibilidade. Obrigada por ter me encorajado e me ajudado desde o processo seletivo. Obrigada pelas diversas páginas lidas, por toda empolgação com o tema e tantas ideias futuras. Você foi fundamental no meu mestrado e no meu amadurecimento como pesquisadora. Muito obrigada.

Agradeço aos amigos que fiz na Filosofia e impactaram diretamente em quem eu sou hoje. Agradeço em especial à minha amiga Flávia, uma amiga que conheci na graduação e que, mesmo ressaltando sua dificuldade em permanecer em contato quando os amigos traçam novos caminhos, olha só, aqui estamos, juntas, partilhando experiências há 8 anos, firmando laços diariamente. Você que esteve comigo em diferentes fases da minha vida, obrigada por permanecer. Obrigada por todos os cafés da tarde e ter partilhado comigo uma casinha e a vida. Tive a sorte grande em te conhecer.

Agradeço também aos amigos de longa data que estão comigo desde a infância, que compartilhando comigo as alegrias da infância e hoje compartilham os perrengues da vida adulta. Larissa, Murilo, Dani, Letícia, Ana: a vocês, meu muito obrigada. Há um pedaço de cada um de vocês que me ajudam a ser quem eu sou hoje.

Gostaria de agradecer aos meus alunos. Ser professora é um desafio e tanto. Entre muitas dificuldades, tive a sorte de conhecer pessoas tão importantes para mim. Iza, Héllida, Lucas, Henrique e Samira, meus queridos alunos e eternos amigos: vocês me transformaram. Foram muitas trocas desde 2022 que modificaram minha vida pessoal e minha vida como pesquisadora. Vocês tiveram uma influência direta na minha pesquisa e na minha escrita. Ainda bem que conheci vocês a tempo para isso. Minha eterna gratidão. Larissa, minha amiga de profissão que conheci na mesma escola, muito obrigada pela proximidade, pelas conversas e pelas risadas. Em uma escola que não conhecia ninguém, vi você almoçando e assistindo *Stranger Things* e pensei: temos muita coisa em comum. E eu estava certa disso. Obrigada pela amizade. Agradeço também aos meus alunos do Instituto de Educação. Vini, Julinha, Manu, Maria, Myrella, Kaylane, João e Milene: minha conexão com vocês foi instantânea. Obrigada por todo carinho e pelas trocas. Aprendo diariamente com vocês e sou muito feliz em encontrá-los todos os dias. Minha profissão teve mais sentido depois que conheci vocês.

Agradeço ao Marden, meu orientador que começou essa jornada ao meu lado há menos um ano: obrigada por ter topado e encarado essa comigo. Sua empolgação com a temática me inspirou para a realização deste trabalho. Em nossas conversas, que sempre foram longas, senti que poderia ser eu mesma. Obrigada pela ajuda e pela caminhada.

À todas e todos que me atravessaram ao longo da vida, saibam que foram fundamentais para eu ser quem eu sou. Essa dissertação é resultado de muitos encontros e sou feliz por ter uma parte de todos vocês aqui.

Finalmente, agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por tornarem possível a realização desta pesquisa.

*E os sons, os sons dos animais,
das folhas ao vento, do rio correndo,
os sons ecoavam perenes em seu interior.
Fosse nas tarefas do dia ou
no sono leve da noite.
Então sentiu que desde sempre o som do mundo
havia sido a sua voz.*

Itamar Vieira Junior, Torto Arado, 2019.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o uso dos artesanatos pelos indígenas Pataxó na cidade de Belo Horizonte a partir de entrevistas realizadas em 2019, sendo entendidos como instrumentos culturais e, ao mesmo tempo, fonte de renda, constituindo-se assim em um elo entre a aldeia e a cidade. Para isso, foram utilizadas literaturas que dialogassem com os objetivos do trabalho e discutisse os seguintes temas: artesanatos, indígenas nas cidades e, mais especificamente, os artesanatos Pataxó. A pesquisa, de caráter qualitativo, teve sua metodologia embasada na Análise Temática. Fundamentada nesta metodologia, a partir da utilização de dados secundários, analisei entrevistas realizadas com indígenas Pataxó que residiam na Aldeia Naô Xohã, localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte. A partir das análises das entrevistas, os relatos dos Pataxó permitiram encontrar três facetas dos artesanatos: o artesanato enquanto possibilidade de trabalho e subsistência; o artesanato como expressão de sua cultura; e o artesanato como marcador de conflitos na cidade. Os resultados apontaram para a importância da comercialização dos artesanatos como forma de subsistência na cidade, além de demonstrar como essas atividades econômicas desencadeiam diversas situações de conflito entre indígenas e não-indígenas.

Palavras-chave: Artesanato; conflitos; cultura; indígenas Pataxó; subsistência.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the use of handicrafts by the Pataxó indigenous people in the city of Belo Horizonte based on interviews carried out in 2019, being understood as cultural instruments and, at the same time, a source of income, thus constituting a link between the village and the city. For this, literature was used that spoke to the objectives of the work and discussed the following themes: crafts, indigenous people in cities and, more specifically, Pataxó crafts. The research, of a qualitative nature, had its methodology based on Thematic Analysis. Based on this methodology, using secondary data, I analyzed interviews carried out with Pataxó indigenous people who lived in Aldeia Naô Xohã, located in the Metropolitan Region of Belo Horizonte. Based on the analysis of the interviews, the Pataxó's reports allowed us to find three facets of handicrafts: handicrafts as a possibility for work and subsistence; crafts as an expression of their culture; and crafts as a marker of conflicts in the city. The results pointed to the importance of selling handicrafts as a form of subsistence in the city, in addition to demonstrating how these economic activities trigger various situations of conflict between indigenous and non-indigenous people.

Keywords: Handicrafts; conflicts; culture; Pataxó indigenous people; subsistence.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fases da Análise Temática

Tabela 2 – Perspectivas de trabalho e sobrevivência: tema e subtemas

Tabela 3 – Expressão cultural: tema e subtemas

Tabela 4 – Conflitos: tema e subtemas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa temático com os temas e subtemas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT	Análise Temática
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. VIVENDO ENTRE DOIS MUNDOS: O ARTESANATO COMO CULTURA E SUBSISTÊNCIA	20
1.1 Contextualização dos Pataxó desde o sul da Bahia até a chegada na Região Metropolitana de Belo Horizonte.....	21
1.2 Indígenas nas cidades: a vida dos Pataxó na Região Metropolitana de Belo Horizonte.....	25
1.3 Artesanato como possibilidade: perspectivas sobre trabalho e subsistência	27
1.4 Artesanato como expressão cultural: dialogando sobre características culturais	30
1.5 Artesanato como conflito: elo entre a aldeia e a cidade	32
1.6 Marco conceitual: aproximando conceitos.....	35
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: MÉTODO E PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO	38
2.1 Etapas da Análise Temática	39
2.2 Natureza dos dados: utilizando dados secundários	41
2.3 Etapas da Análise Temática: aplicação nos dados utilizados.....	42
2.4 O artesanato compreendido em três esferas: interpretando por uma perspectiva da vulnerabilidade.....	44
3. O ARTESANATO COMPREENDIDO EM TRÊS ESFERAS: ANÁLISE DOS DADOS ..	46
3.1 Artesanato como possibilidade: perspectivas sobre trabalho e subsistência	46
3.2 Artesanato como expressão cultural: dialogando sobre características culturais	53
3.3 Artesanato como conflito: elo entre a aldeia e a cidade	59
3.4 Mapa temático.....	61
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
5. REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

*O nosso artesanato está ligado à nossa cultura,
à nossa espiritualidade, à nossa comida, à nossa
planta medicinal, à nossa terra. Ele tem uma história,
não é feito de qualquer jeito.*

Letícia Yawanawá, Vozes indígenas na saúde:
trajetórias, memórias e protagonismos, 2022.

A população indígena do Brasil é de 1,69 milhão, segundo o Censo Demográfico de 2022, sendo 88,8% maior que o registro do censo de 2010 (Secretaria de Comunicação Social, 2023). Quando analisamos sobre a moradia da população indígena, o censo de 2022 nos mostra que 36,7% da população reside em Terras Indígenas e que 63,3% vive nas cidades. Segundo Sônia Guajajara, ministra do Ministério dos Povos Indígenas, “as pessoas que estão nas cidades também se identificaram como indígenas. É um momento oportuno que as pessoas estão se sentindo à vontade para falar que são indígenas, sendo que teve momento que tiveram que negar sua identidade para não morrer” (Secretaria de Comunicação Social, 2023).

Da aldeia para a cidade e, na cidade, em direção à periferia é a realidade dos indígenas que hoje residem nas cidades (Pereira, 2020). A saída da aldeia em direção aos sonhos e expectativas de vida fazem os indígenas migrarem para as cidades. Chegando nas cidades, tais expectativas não são alcançadas e novos problemas são enfrentados. A vida dos indígenas em bairros periféricos é marcada pela pobreza e pela não assistência estatal, resultando na invisibilidade e violação de direitos (Baeta, 2021).

Diante de um cenário de instabilidade e precariedade, os indígenas residentes nas cidades encontram no artesanato uma possibilidade de estabilidade. As vendas de seus artesanatos nos centros urbanos auxiliam sua permanência fora das aldeias (De Campos, 2019). Seus artesanatos, que são, muitas vezes, confeccionados em suas terras, proporcionam manter os laços com seus parentes que estão distantes. Essas idas e vindas entre cidade e aldeia permitem àqueles que estão distantes manterem as tradições vivas e renovadas (Grünwald, 2015).

Tendo em vista o fenômeno exposto e as estratégias de sobrevivência dos indígenas perante o cenário instável e precário encontrado nas cidades, meu objetivo nesta pesquisa é analisar de que forma o artesanato pode ser percebido como uma possibilidade de subsistência na cidade e, ao mesmo tempo, ocupar um lugar cultural. Para isso, investigo a relação dos indígenas Pataxó com seus artesanatos na cidade de Belo Horizonte, analisando entrevistas

realizadas com membros da etnia que transitam entre a capital mineira e a aldeia Naô Xohã, localizada na cidade de São Joaquim de Bicas, região metropolitana de Belo Horizonte. O método utilizado nesta pesquisa é a Análise Temática (Braun; Clarke, 2006), que é capaz de destacar os principais temas e subtemas encontrados a partir da análise dos dados.

A pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, **“Vivendo entre dois mundos: o artesanato como cultura e subsistência”**, foi dedicado à revisão de literatura, sendo este capítulo dividido em seis subcapítulos, tendo o objetivo de explorar a relação dos indígenas Pataxó com os artesanatos, além de perceber o artesanato em três perspectivas diferentes: a perspectiva do trabalho; a cultural e a dos conflitos que surgem na interface entre a aldeia e a cidade.

No subcapítulo 1.1, intitulado **“Contextualização dos Pataxó desde o sul da Bahia até a chegada na Região Metropolitana de Belo Horizonte”**, escrevo sobre a história dos indígenas Pataxó, escrevo sobre a história dos indígenas Pataxó bem como seus fluxos migratórios até o presente momento. Destaco os motivos que levaram os Pataxó a se tornarem artesãos e a saírem do sul da Bahia. Já no subcapítulo 1.2, **“Indígenas nas cidades: a vida dos Pataxó na Região Metropolitana de Belo Horizonte”**, forneço um panorama geral sobre a presença indígena nas cidades, seguida de uma análise específica da vida das Pataxó, seus dilemas em Belo Horizonte, suas sociabilidades e os desafios enfrentados no contexto urbano.

Os subcapítulos 1.3, 1.4 e 1.5 foram dedicados a analisar artesanato sob as três perspectivas mencionadas anteriormente. Na seção 1.3, **“Artesanato como possibilidade: perspectivas sobre trabalho e subsistência”**, investigo as dinâmicas do trabalho artesanal pelos Pataxó e suas potencialidades para subsistência desses indígenas na cidade. Na seção 1.4, **“Artesanato como expressão cultural: dialogando sobre características culturais”**, destaco a importância do artesanato na sociabilidade Pataxó, sua importância cultural e seus significados simbólicos. Para encerrar as três perspectivas de análise do artesanato, realizo, na seção 1.5, **“Artesanato como conflito: elo entre a aldeia e a cidade”**, analiso o artesanato como um desencadeador de conflitos para a vida dos indígenas Pataxó que estão nas áreas urbanas, conflitos que são percebidos não somente no momento da comercialização do artesanato, mas também em diversos outros momentos dos Pataxó nos contextos urbanos.

Finalizo o capítulo 1 com a seção 1.6, **“Marco Conceitual: aproximando conceitos”**, na qual dedico a elaboração de uma síntese conceitual que contempla os principais conceitos trabalhados na revisão de literatura. Meu objetivo com essa síntese conceitual é facilitar, ao

leitor, a compreensão dos conceitos trabalhados para posteriormente iniciar as análises dos dados no capítulo 3.

O capítulo 2, **“Caminhos metodológicos: método e proposta de investigação”**, foi dedicado ao estudo metodológico da pesquisa. Para isso, ele foi dividido em cinco subcapítulos a fim de facilitar o processo da escrita. No subcapítulo 2.1, **“Etapas da Análise Temática”**, apresento as seis etapas que são mencionadas por Braun e Clarke (2006) para análise dos dados, desde a fase inicial, a familiarização do pesquisador com os dados, até a elaboração do relatório final. No subcapítulo 2.2, **“Dados utilizados”**, apresento quais dados foram utilizados para esta pesquisa, sendo eles de natureza secundária. No subcapítulo 2.3, **Etapas da Análise Temática: aplicação nos dados utilizados**, retomo as seis etapas da AT que foram apresentadas no subcapítulo 2.1 para ilustrar de que forma os passos sugeridos por Braun e Clarke (2006) foram aplicados na análise de dados da presente pesquisa. No subcapítulo 2.4, destinado ao **Mapa temático**, recurso metodológico proposto por Braun e Clarke (2006), apresento, em formato de fluxograma, os temas e subtemas que são trabalhados na pesquisa. Finalizando o capítulo metodológico, no subcapítulo 2.5, **“O artesanato compreendido em três esferas: interpretando por uma perspectiva da vulnerabilidade”**, dedico este espaço para ilustrar de que forma faço a análise dos dados, contando a histórias dos indígenas Pataxó a partir da perspectiva da vulnerabilidade defendida pela antropóloga Ruth Behar (1996).

O capítulo 3, **“O artesanato compreendido em três esferas: análise dos dados”**, foi dividido em três subcapítulos, cada um correspondendo a uma faceta do artesanato conforme apresentada anteriormente. Na seção 3.1, **“Artesanato como possibilidade: perspectivas sobre trabalho e subsistência”**, apresento o primeiro tema em questão, sendo “perspectivas de trabalho e subsistência” e os nove subtemas que foram encontrados seguindo as etapas da AT. Neste espaço, analiso as entrevistas coletadas e organizo as falas dos entrevistados com o intuito de seguir uma linha cronológica, a fim de facilitar o processo de análise. Na seção 3.2, **“Artesanato como expressão cultural: dialogando sobre características culturais”**, apresento o tema que será explorado nesta seção, sendo “expressão cultural” e também os quatro subtemas que foram encontrados durante a análise. Faço o mesmo caminho de análise que foi exposto na seção 3.1, onde analiso as entrevistas dos indígenas Pataxó baseado na revisão de literatura. Por fim, a seção 3.3, **“Artesanato como conflito: elo entre a aldeia e a cidade”**, é dedicada à análise dos dados que dialogam com a esfera do conflito, sendo encontrado, a partir das etapas da AT, o tema “conflitos” e três subtemas.

Nas considerações finais, encerro a dissertação realizando uma síntese do que foi trabalhado nesta pesquisa, além de sugerir possíveis caminhos para futuras pesquisas.

1. VIVENDO ENTRE DOIS MUNDOS: O ARTESANATO COMO CULTURA E SUBSISTÊNCIA

O presente capítulo foi dividido em seis seções distintas. Nele, meu intuito é explorar, em cada seção, aspectos da vida dos indígenas Pataxó e suas relações com os artesanatos. Diante disso, dedico a seção 1.1 a apresentar a história dos indígenas Pataxó a partir de 1968, contemplando características identitárias, sociais, culturais e econômicas que ocorreram no sul da Bahia. Para isso, articulo os estudos de Agostinho (1980) e Grünewald (2015) para auxiliar nesta linha histórica, explorando os problemas territoriais e econômicos que tiveram início na década de 60, perdurando pelos anos 70 e 80. Além disso, demonstro como os problemas tiveram soluções que tinham a perspectiva de serem provisórias, mas, no entanto, permaneceram, como a comercialização dos artesanatos com a finalidade de subsistência.

Na seção 1.2, mobilizo algumas literaturas como Cardoso de Oliveira (1976); Oliveira (1997); De Paula (2017); Cunha (2013); Baeta (2021); Campos; De Campos, (2022) e De Campos (2019), que abordam a vida dos indígenas nas cidades e suas problemáticas em relação a esse fenômeno, bem como exploram o processo migratório dos indígenas saindo das aldeias para as cidades. Dedico parte desta seção para falar da vida dos indígenas na cidade em uma perspectiva mais ampla para, posteriormente, tratar da dinâmica de alguns grupos indígenas Pataxó que migraram do sul da Bahia para a cidade de Belo Horizonte.

Na seção 1.3, abordo o artesanato a partir da perspectiva do trabalho e da subsistência. Mobilizo os estudos de Cunha (2013), Neves (2015) e Grünewald (2015) para discutir a relação dos indígenas Pataxó com a comercialização dos artesanatos, dialogando a partir de uma perspectiva de trabalho e subsistência. Este subcapítulo, formado apenas por estudos teóricos de outros autores, fundamenta e se relaciona com o subcapítulo 3.1, espaço no qual analiso os dados da pesquisa que se relacionam com a temática do subcapítulo 1.3.

Na seção 1.4 escrevo sobre a compreensão do artesanato interpretado como uma representação simbólica cultural. Para isso, mobilizo os estudos de Cunha (2013), Castilho *et al.* (2017) e Neves (2012) e mostro como a atividade de produção do artesanato pode ser percebida como uma manifestação cultural para os indígenas Pataxó, não somente o produto final, mas como todo o processo da produção, desde a coleta da matéria-prima, aplicação de técnicas para produção e o produto finalizado é percebida como atividades culturais. Esta seção, formada apenas por estudos de outros autores, fundamenta e se relaciona com a seção 3.1, espaço no qual analiso os dados da pesquisa que se relacionam com a temática desta seção.

No subcapítulo 1.5, trabalho com o artesanato percebido como um elo entre a aldeia e a cidade e quais conflitos são consequências desta relação. Neste espaço, exploro como a venda dos artesanatos nas cidades pode desencadear uma série de conflitos contra os indígenas, não sendo limitados apenas durante a ação das vendas dos artesanatos, mas permeando em outras facetas das vidas dos indígenas. Para explorar, de maneira teórica, como tais conflitos permeiam as vidas dos indígenas ao adentrar no “mundo dos brancos”, mobilizo as literaturas de Pereira (2020) e Grünewald (2015), além de trazer uma reflexão sobre racismo estrutural mobilizada por Bonin (2021), aproximando do contexto sofrido pelos indígenas. Exploro conflitos pautados no racismo, preconceito, violências e no reconhecimento e disputa pelos espaços na cidade. Esta seção, formada apenas por estudos de outros autores, fundamenta e se relaciona com a seção 3.3, espaço no qual dedico analisar os dados da pesquisa que se relacionam com a temática desta seção.

Por fim, encerro o capítulo 1 com a seção 1.6, espaço dedicado para articular as literaturas pertinentes desta pesquisa, construindo o marco conceitual deste trabalho. O objetivo desta seção é sintetizar os conceitos trabalhados na revisão de literatura. Portanto, apresento neste espaço as três facetas percebidas por mim nesta pesquisa ao estudar e analisar sobre o artesanato Pataxó, sendo elas: o artesanato como possibilidade de subsistência; o artesanato como materialização cultural e o artesanato inserido em um ambiente de conflitos. O marco conceitual foi desenvolvido com o intuito de facilitar o entendimento e sintetizar os principais conceitos da pesquisa para auxiliar no desenvolvimento das análises dos dados.

1.1 Contextualização dos Pataxó desde o sul da Bahia até a chegada na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Antes de explorar o âmbito dos artesanatos propriamente dito, percebo a necessidade de situar o leitor em um espaço-tempo a fim de tornar conhecida a história dos indígenas Pataxó. Diante disso, esta seção é dedicada à história dos indígenas Pataxó, iniciando desde o sul da Bahia – contemplando os motivos pelos quais os Pataxó se tornaram artesãos – até a chegada de um grupo de indígenas Pataxó na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Utilizarei como fundamentação teórica os estudos de Agostinho (1980) e Grünewald (2015) para auxiliar nesta linha histórica mencionando os problemas territoriais e econômicos enfrentados pelos indígenas Pataxó nas décadas de 60, 70 e 80 e como tais problemas tiveram soluções que, naquele cenário, deveriam ser provisórias, mas que estão presentes até os dias atuais, como a comercialização dos artesanatos com a finalidade de subsistência.

Em 1968, Rogério Fernandes Dias, servidor vinculado à FUNAI, na época denominada como Fundação Nacional do Índio, e também vinculado ao IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), iniciou um movimento para chamar atenção dos órgãos públicos a respeito da situação precária que os indígenas Pataxó estavam enfrentando na região de Porto Seguro, município localizado na Bahia (Agostinho, 1980). Dias mobilizou os dois órgãos devido a FUNAI ser a instituição responsável pela vida dos indígenas e o IBDF o responsável pela gestão do Parque do Monte Pascoal, monte situado em Porto Seguro, localidade originária da aldeia Pataxó (Agostinho, 1980).

Três anos após essa iniciativa de Dias, em 1971, a discussão sobre a reserva de terra destinada aos indígenas Pataxó do sul da Bahia começou a ganhar visibilidade e a situação precária que os indígenas enfrentavam foi exposta em noticiários (Agostinho, 1980). Em uma disputa burocrática quanto ao destino dos indígenas da aldeia Barra Velha, que estavam localizados no Monte Pascoal, o IBDF proibiu qualquer atividade econômica dentro do lugar, impedindo os indígenas de extraírem piaçava para venda – atividade econômica comum dos indígenas naquele lugar – ou plantarem e caçarem para subsistência da aldeia (Agostinho, 1980).

Diante de todos esses problemas e somando a situação incerta da vida dos indígenas, que não conseguiam mais exercer atividades econômicas para vendas e nem mesmo para o seu próprio consumo, Fernandes Dias, em uma ação totalmente desesperada, instruiu os indígenas a pescarem em alto mar. Por conta do despreparo para esse tipo de pesca, a ação resultou no naufrágio e na morte de diversas pessoas (Agostinho, 1980). Após esse episódio, Fernandes Dias foi afastado do IBDF.

Em seu trabalho de campo, Agostinho (1980), em um primeiro relatório após algum tempo na aldeia, abordou alguns aspectos de características ecológicas, sociais e históricas para argumentar a favor da permanência dos indígenas Pataxó em Barra Velha, além de apontar quais consequências negativas os indígenas iriam sofrer caso houvesse uma transferência para outro lugar (Agostinho, 1980). As propostas de transferências dos indígenas Pataxó para outros dois lugares, sendo eles a reserva localizada ao norte de Caraíva, em Porto Seguro e o município de Santa Cruz Cabrália, trariam consequências negativas para os indígenas Pataxó, uma vez que os lugares citados não tinham estruturas suficientes para eles (Agostinho, 1980). O autor acreditava que, em qualquer das hipóteses, transferir os indígenas Pataxó seria “assinar um contrato” de extinção desta etnia.

Os indígenas Pataxó permaneceram em Barra Velha respaldados por leis que garantiram sua permanência no local, os possibilitando a retornar às práticas econômicas precedentes, além das práticas de plantação e caça para consumo próprio (Agostinho, 1980). O autor afirma que a garantia da permanência dos indígenas Pataxó em Barra Velha não somente evitou danos que poderiam ser irreversíveis, como a extinção dos indígenas desta etnia, mas também resguardou os indígenas a trabalharem de forma assalariada nas fazendas próximas para garantir alguma fonte de renda.

Mesmo após a consolidação dos indígenas Pataxó em Barra Velha, as situações precárias em relação às terras e atividades econômicas permaneceram de maneira semelhante (Grünewald, 2015). Paralelo a este cenário iniciou-se, nesta mesma época, a construção de duas rodovias próximas a Barra Velha, a BR 101 e a BR 367. Conseqüentemente, a construção das rodovias trouxe novas formas de atividades econômicas para a região como a instalação de serrarias e fazendas de gado aos arredores (Grünewald, 2015). No entanto, por mais que estivessem expandindo as possibilidades econômicas e, conseqüentemente, aumentando as oportunidades de atividades remuneradas, tais práticas não faziam parte do mundo dos indígenas Pataxó de Barra Velha (Grünewald, 2015).

Diante deste cenário, um servidor vinculado à FUNAI propôs aos indígenas Pataxó da região a confecção de artesanatos para fins comerciais, uma vez que a região tinha um alto potencial para se tornar um lugar turístico devido aos acontecimentos históricos relacionados à chegada dos portugueses ao Brasil. Ressalta-se que o Ilhéu da Coroa Vermelha que está situado no município de Santa Cruz Cabralia, conhecido por ter sido o lugar onde Pedro Álvares Cabral desembarcou quando chegou ao Brasil pela primeira vez. Coroa Vermelha também é conhecido por ter sido o lugar onde aconteceu a primeira missa celebrada pelos portugueses (Grünewald, 2015). Após a construção das rodovias, ainda na década de 70, o que era esperado em relação às atividades turísticas na região de fato se concretizaram. As construções das rodovias propiciaram o turismo na região e, até hoje, Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia possuem grandes fluxos de turistas, movimentando as atividades econômicas do lugar (Grünewald, 2015).

Com o intuito de possibilitar a inserção dos indígenas Pataxó no mundo dos artesanatos, o servidor da FUNAI mostrou peças artesanais produzidas por indígenas Xerente, que habitam o estado do Tocantins. O objetivo do funcionário era mostrar aos indígenas Pataxó que era possível produzir e comercializar artesanatos para fins econômicos, uma vez que a região em que eles estavam era uma região propícia para as vendas devido ao turismo local. Logo, “a ideia

do artesanato indígena para venda a turistas vinha, enquanto alternativa econômica, tentar suavizar aquela situação de penúria” (Grünewald, 2015). A partir de então, desde o final da década de 70 até os dias atuais, a venda dos artesanatos se tornou uma das principais fontes de renda dos indígenas Pataxó do sul da Bahia (Grünewald, 2015).

Dando continuidade aos fatos históricos trazidos por Agostinho (1980), após a consolidação dos indígenas Pataxó em Barra Velha, alguns Pataxó iniciaram um processo de migração para outros municípios da Bahia, como Santa Cruz de Cabrália, com a intenção de obter novas formas de atividades econômicas (Grünewald, 2015). Com este processo de migração e expansão territorial dos Pataxó, houve um aumento significativo das aldeias na região de Santa Cruz de Cabrália (Grünewald, 2015). Algumas famílias de indígenas Pataxó, inseridas neste cenário de introdução ao mundo dos artesanatos como forma de subsistência, começaram a migrar para Coroa Vermelha, lugar altamente frequentado por turistas (Grünewald, 2015).

Neste cenário que foi traçado até aqui, compreende-se que o que levou os indígenas Pataxó a se tornarem artesãos foram os atritos territoriais ocorridos na década de 70, estando diante de uma situação econômica precária. Por sua vez, a necessidade de encontrar formas alternativas de subsistência levaram os indígenas a aprenderem a produzir artesanatos com a finalidade de comercialização, em uma região propícia para isso, devido ao grande número de turistas (Agostinho, 1980; Grünewald, 2015).

Desde a consolidação do artesanato como atividade econômica, os indígenas Pataxó do sul da Bahia exercem a mercantilização de seus produtos como mecanismos de subsistência até os dias atuais (Grünewald, 2015). No entanto, a partir dos relatos de alguns indígenas entrevistados nesta pesquisa – relatos que serão explorados de forma mais detalhada no capítulo 3 –, o vasto número de indígenas Pataxó comercializando artesanatos em Coroa Vermelha implicou em um alto nível de concorrência entre eles, tendo, como consequência, a migração de alguns grupos de indígenas para outras regiões do Brasil em busca de novos lugares para comercialização, principalmente para os estados da região sudeste do país, como Minas Gerais.

Encerro esta seção fazendo um compilado dos assuntos que foram tratados aqui. Nesta seção, tratei sobre fatos históricos da vida dos indígenas Pataxó do sul da Bahia, relatando sobre os conflitos territoriais e econômicos enfrentados por eles nas décadas de 60 e 70, mencionando o cenário precário em que os indígenas vivam na época e as soluções que foram sugeridas aos indígenas como mecanismo ágil para solucionar os problemas das atividades econômicas, como a comercialização dos artesanatos. Além disso, mencionei como aconteceu a expansão dos

indígenas Pataxó no sul da Bahia, ocupando territórios para além de Barra Velha, como também em Coroa Vermelha. Meu objetivo nesta seção foi traçar o momento que antecede a vida dos indígenas Pataxó à cidade de Belo Horizonte, para, na seção seguinte, explorar mais sobre essa dinâmica na capital mineira.

1.2 Indígenas nas cidades: a vida dos Pataxó na Região Metropolitana de Belo Horizonte

A finalidade desta seção é discutir sobre como acontece a dinâmica entre indígenas e não-indígenas no âmbito urbano em uma perspectiva mais ampla para, enfim, realizar um recorte específico sobre a cidade de Belo Horizonte e as regiões metropolitanas. Para tratar sobre tais assuntos, mobilizo os estudos de Cardoso de Oliveira (1976), João Pacheco de Oliveira (1997), De Paula (2017), Cunha (2013), Baeta (2021) e De Campos (2019). Além de discutir a respeito da vida dos indígenas na cidade, percebo a necessidade de explorar o processo migratório dos indígenas para as cidades, sendo esse processo permanente ou temporário. Para debater sobre a questão da mobilidade, articulo o trabalho de Campos e De Campos (2022) com a finalidade de explorar como é caracterizada a mobilidade dos indígenas da aldeia para a cidade.

Ao pensar sobre indígenas no “mundo dos brancos”, os estudos de Cardoso de Oliveira (1976) e João Pacheco de Oliveira (1997) possibilitam caminhos a serem explorados para estudar tal assunto. As percepções a respeito dos indígenas como sujeitos selvagens, desprovidos de cultura, povos que moram em “ocas” e somente nas matas fazem parte do pensamento ilusório do povo brasileiro (Oliveira, 1999). Tal pensamento pode ser explicado devido aos estereótipos vinculando a imagem do “índio” como um ser inferior ao “homem branco” colonizador (Cardoso de Oliveira, 1976). As relações sociais entre indígenas e não-indígenas são percebidas por Cardoso de Oliveira (1976) como relações de dominação e sujeição, existindo esse contraste de identidades e sujeição dos indígenas ao “mundo dos brancos”, desde o período colonial até o mundo contemporâneo (Cardoso de Oliveira, 1976).

O indígena, ao chegar na cidade, leva consigo um “pedaço da aldeia”, como afirmou Cardoso de Oliveira (1968) em seu estudo sobre os indígenas Terêna. E levar consigo um pedaço da aldeia pode ser interpretado pelo desejo de manutenção da cultura, cultivando aspectos culturais que fazem parte do cotidiano dos que estão na aldeia (Pereira, 2020). Carregar consigo um “pedaço da aldeia” desencadeia inúmeras divergências culturais, econômicas e políticas para os indígenas que estão inseridos em contextos urbanos.

A saída de indígenas de suas terras para as cidades, seja de forma permanente ou transitória, é caracterizada por inúmeros obstáculos, sejam eles relacionados à educação, saúde, moradia ou renda, o desamparo político se faz presente nas vidas dos indígenas que enfrentam processos de mobilidade (De Paula, 2017). O deslocamento para as cidades é acompanhado pela esperança de encontrar melhores condições de trabalho, melhores salários, diferentes estruturas no mercado de trabalho, pelo acesso à saúde, educação, entre outros fatores que possibilitam melhores perspectivas de vida (Campos; De Campos, 2022). E, neste processo de migração da aldeia para a cidade, recheado de expectativas dos indígenas sobre condições melhores de vida (Pereira, 2020), são frustrados ao perceberem alguns obstáculos encontrados.

Pensando especificamente na cidade de Belo Horizonte, Baeta (2021) traz dados importantes em relação à presença de indígenas na capital mineira, destacando as adversidades encontradas por eles na cidade. A autora observa como alguns indígenas que optaram por se deslocarem para Belo Horizonte vivem em situações precárias, tornando-se dependentes das vendas dos artesanatos, de empregos sazonais, de serviços domésticos ou apenas realizando “bicos” temporários como forma de subsistência (Baeta, 2021).

São diferentes formas de adversidades que os indígenas enfrentam nos contextos urbanos. As dificuldades mais frequentes são as que foram mencionadas acima, no entanto, não são as únicas. Baeta (2021) menciona também a recorrência de episódios de racismo sofridos por indígenas na cidade de Belo Horizonte. O primeiro caso foi a morte de um indígena em situação de rua em 2016 que foi espancado brutalmente enquanto dormia. O segundo caso relata a violência policial contra indígenas que vendiam seus artesanatos no centro da cidade de Belo Horizonte. Tanto o primeiro caso quanto o segundo caso trazido por Baeta (2021) podem ser interpretados pela perspectiva do ódio do não-indígena ao indígena, evidenciando o incômodo de encontrar indígenas nas cidades. Tais ações despertam sentimentos de não pertencimento nos indígenas que são alimentados diariamente diante de tais situações (Baeta, 2021).

A respeito da vida dos indígenas Pataxó na cidade de Belo Horizonte, a situação não se difere da que foi exposta acima de maneira ampla (Baeta, 2021). A saída de Coroa Vermelha e a vinda para a capital mineira foi motivada pela expectativa de melhores condições de vida (De Campos, 2019). No entanto, ao chegarem em Belo Horizonte e nas regiões metropolitanas, os Pataxó foram morar em bairros periféricos da cidade, vivendo em situações precárias de saúde e moradia (Baeta, 2021), contrariando as promessas de oportunidades e possibilidades da vida social em grandes centros urbanos.

Na capital mineira, os indígenas Pataxó comercializam seus artesanatos em dois pontos centrais da cidade: a Praça Sete de Setembro, popularmente chamada Praça Sete, e a Feira de Artes, Artesanato e Produtores de Variedades, conhecida como “Feira Hippie”. E é nesta relação de mercantilização dos artesanatos que até hoje os Pataxó subsistem na cidade (De Campos, 2019).

Nesta seção, fiz um panorama geral sobre as dinâmicas dos indígenas nas cidades, evidenciando as principais motivações que levam o processo migratório para as cidades e os obstáculos encontrados por eles. Além disso, mencionei sobre a vida dos indígenas Pataxó no município de Belo Horizonte e como os obstáculos encontrados para a permanência deles na capital mineira (Baeta, 2021) são semelhantes ao cenário nacional (Grünewald, 2015; De Paula, 2017; Pereira, 2020).

1.3 Artesanato como possibilidade: perspectivas sobre trabalho e subsistência

Nesta seção, meu objetivo é discutir uma das três perspectivas sobre o artesanato que articulo nesta pesquisa, sendo ela o processo de mercantilização como possibilidade de trabalho e subsistência para os indígenas Pataxó. Para tanto, mobilizo os estudos de Cunha (2013), Neves (2015) e Grünewald (2015) para abordar a relação dos Pataxó com a comercialização dos artesanatos a fim de analisar, a partir de estudos teóricos, os meandros desta relação. No mais, este subcapítulo fornece aporte teórico para as análises dos dados que foram feitas na seção 3.1, entendendo o artesanato como possibilidade de trabalho e subsistência.

A comercialização dos artesanatos nem sempre foi algo comum para os indígenas Pataxó. O movimento de adentrar ao mundo da mercantilização surgiu a partir da necessidade que estava diante deles na década de 70. Como dito anteriormente, os Pataxó tornaram-se artesãos por incentivo de um funcionário da FUNAI que, ao deparar-se com a situação precária em que se encontravam, propôs que fizessem peças como colares, pulseiras e brincos para mercantilização, assim como os indígenas do povo Xerente, do estado do Tocantins, fazia (Grünewald, 2015). A partir de então, a comercialização dos artesanatos, que na época era vista como uma atividade alternativa diante do cenário emergencial, tornou-se uma das principais fontes de renda dos indígenas Pataxó (Grünewald, 2015).

Devido ao alto fluxo de turistas na região de Coroa Vermelha, as vendas de artesanatos eram uma boa alternativa de fonte de renda para os indígenas. No entanto, como as vendas estão atreladas diretamente ao turismo, em épocas de baixa temporada os indígenas não estavam assegurados quanto a renda dos artesanatos por não conseguirem mercantilizar o suficiente

comparado em épocas de alta temporada, tornando instável sua economia (Grünewald, 2002). A necessidade de recorrer a outras formas de trabalho, portanto, foi motivada pela dificuldade de conseguir viver exclusivamente da mercantilização dos artesanatos. Apesar da instabilidade financeira da atividade, para os indígenas Pataxó, viver da venda dos artesanatos seria algo vantajoso, afinal, tal atividade possibilita não somente vivenciar práticas culturais relacionadas a produção do artesanato e consequentemente de suas próprias tradições, bem como promove a subsistência financeira (Neves, 2015).

No entanto, ao mesmo tempo em que há o desejo de viver exclusivamente da comercialização dos artesanatos, exercer outras atividades econômicas com “aspectos culturais” poderia ser “vantajoso” aos Pataxó (Neves, 2015). Isso pois, na relação com os turistas, existe uma expectativa por parte de não-indígenas em conhecer mais profundamente as outras atividades realizadas pelos Pataxó no anseio de entender melhor a “cultura indígena” através, por exemplo, da pesca e da agricultura. Assim, ao praticar tais atividades junto a não-indígenas, os Pataxó conseguem envolver os turistas em suas histórias e em seus meios de vida, dado que, sem esse envolvimento, “os turistas poderiam não ter interesse em conhecer sobre suas vidas” (Neves, 2015, p.141) e, consequentemente, as vendas não seriam tão atrativas (Neves, 2015).

A curiosidade dos turistas em saber sobre outras atividades que os indígenas exercem não se restringe somente às atividades econômicas. É comum que turistas perguntem sobre histórias relacionadas a cultura étnica como a língua falada (e querer ouvir palavras na língua nativa), danças, costumes, rituais, roupas e dentre outros aspectos culturais (Neves, 2015). Quando a expectativa dos turistas é atendida e os indígenas que estão comercializando o artesanato conseguem falar sobre seus meios de vida, há uma garantia na “legitimidade” do produto, uma vez que os turistas gostariam de comprar dos “índios de verdade” (Neves, 2015).

Os indígenas, guiados pelo desejo de conhecer mais sobre sua cultura e os conhecimentos étnicos, percebem a curiosidade dos turistas como um motivador para colocar tais planos em ação (Neves, 2015). Logo, procuram desempenhar manutenções culturais, resgatando aspectos culturais e étnicos no dia a dia para estar sempre presente entre eles (Neves, 2015). E esse movimento também contribui para as vendas, uma vez que os indígenas conseguiriam contar histórias para os turistas com propriedade (Neves, 2015). A performance também pode ser vista como um mecanismo de resgate cultural e estratégia de vendas, dado que há um momento de caracterização a partir da vestimenta e acessórios para o momento das vendas (Cunha, 2013).

Em seu trabalho, Neves (2015) entrevistou diferentes grupos indígenas residentes em Coroa Vermelha para compreender melhor sobre suas fontes de renda. Dos indígenas entrevistados, parte não consegue dedicar exclusivamente às vendas dos artesanatos devido à insuficiência de renda para a sobrevivência. Alguns indígenas Pataxó possuem suas próprias lojas de artesanato, mas isso não é algo generalizado. Os que não são proprietários de lojas vendem para terceiros, como vendedores ambulantes e comerciantes, podendo ser pessoas indígenas ou não. Muitos comerciantes que compram as mercadorias moram em outros estados, como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro (Neves, 2015). A venda dos artesanatos para terceiros acontece em grandes quantidades e o transporte das mercadorias é de responsabilidade dos compradores, podendo ser por meio dos correios ou transporte fretado (Neves, 2015).

Ainda sobre este processo de venda dos artesanatos em grandes quantidades, os Pataxó produzem os artesanatos para revenda devido ao fácil acesso a matéria-prima em Coroa Vermelha (Cunha, 2013). Os compradores, podendo ser indígenas ou não, ao adquirir os produtos com os Pataxó, revendem os artesanatos em outros lugares, estipulando o preço que acham justo no processo da comercialização. No entanto, nem sempre os artesãos, ao saberem dos preços estipulados para revenda, concordam com esses valores. Em um caso específico, Cunha (2013), em sua pesquisa, ouviu o desabafo de uma artesã Pataxó contando sobre uma situação similar. A artesã vendia para outra indígena Pataxó, moradora de Belo Horizonte, artesanatos no valor de R\$5,00 e o produto era revendido a R\$25,00 (Cunha, 2013). Apesar da insatisfação da artesã, Cunha (2013) relata que a mesma não pretendia parar de vender para comerciantes, uma vez que a artesã gostava de trabalhar com a venda dos artesanatos. Ainda que a entrevistada tenha apontado o gosto pelo trabalho, é possível questionar a relação entre o gosto e a limitação de possibilidades de trabalho (Grünewald, 2015).

Nesta seção, tratei do artesanato a partir da perspectiva do trabalho e da subsistência. Logo, retomei as razões que levaram os indígenas Pataxó a se tornarem artesãos e descrevi a dinâmica de vendas entre os indígenas e turistas, sendo estes os maiores consumidores dos artesanatos Pataxó. Além disso, trouxe quais são as expectativas dos turistas em relação às atividades culturais dos indígenas e, muitas vezes, as respostas dos indígenas podem ser determinantes no momento das vendas. Dessa forma, muitos indígenas, guiados também pela vontade de aprender mais sobre sua cultura, nota a oportunidade de aprender sobre tais aspectos para também “atender” as expectativas dos turistas (Grünewald, 2015; Neves, 2015).

1.4 Artesanato como expressão cultural: dialogando sobre características culturais

A seção é dedicada à compreensão do artesanato como um símbolo cultural. Para isso, mobilizo os estudos de Cunha (2013), Castilho *et al.* (2017), Neves (2012) e dialogo como a atividade de produção do artesanato pode ser percebida como uma manifestação cultural para os indígenas Pataxó, não somente pelo produto final, mas frente a todo o processo de produção, desde a coleta da matéria-prima, aplicação de técnicas para confecção artesanal e o produto finalizado. A seção se relaciona com a seção 3.2 desta dissertação, na qual lidarei com os relatos dos indígenas Pataxó entrevistados e a perspectiva deles em relação a esta perspectiva, percebendo o artesanato como uma forma de expressão cultural.

Para discutir a questão do artesanato pela perspectiva de um olhar cultural, percebo a necessidade de conceituar, primeiramente, o que é o artesanato. Aproximo da perspectiva em que o artesanato pode ser analisado por diferentes dimensões, sendo elas: ambiental, histórica, econômica, social e cultural (Castilho *et al.*, 2017) e, dessa forma, consegue ser percebido por diferentes facetas. O artesanato pode ser percebido como uma expressão materializada de uma determinada cultura, representando os usos, costumes, tradições e características de cada artesão, evidenciando aspectos ancestrais, históricos e geracionais (Castilho *et al.*, 2017). A partir deste entendimento, compreende-se nesta pesquisa, o artesanato Pataxó como uma expressão cultural materializada de seu povo.

No processo de vendas dos artesanatos, Cunha (2013) relata como a performance dos indígenas Pataxó acontece neste processo, além de apresentar sobre os diferentes usos das peças artesanais por este povo, no qual alguns artefatos são utilizados em momentos de ritual, outros no cotidiano e por fim, outros voltados apenas para a comercialização, sendo diferentes dos demais. Como muitos indígenas estão inseridos em contextos em que a cultura Pataxó não está tão presente entre eles, devido ao intenso contato com pessoas não-indígenas, há tentativas de resgate cultural para que não haja um distanciamento cultural. Tal resgate cultural, como, por exemplo, a ação da performance, são mecanismos que contribuem não somente para a proximidade de sua cultura, como também para a comercialização dos artesanatos (Cunha, 2013).

Procurar manter as tradições e símbolos nas confecções dos artesanatos não necessariamente implica em produzir diversos artesanatos como seus antepassados fabricavam. Cunha (2013) destaca que alguns turistas apresentam discursos estereotipados ao buscar por artesanatos “autênticos”, sendo, neste sentido, a autenticidade percebida como a fabricação dos

artesanatos sem nenhuma interferência com o mundo não-indígena. Espera-se que a fabricação do artesanato pelos indígenas ocorra de tal modo que não haja outros recursos técnicos além daqueles que são considerados “autênticos”, ou seja, técnicas aprendidas na cultura indígena, para não perder a “legitimidade” do produto (Cunha, 2013).

A partir desta discussão sobre autenticidade ou não do artesanato, Cunha (2013) traz dois casos que exemplificam como a produção dos artesanatos acontece. No primeiro deles, uma artesã Pataxó experiente da aldeia de Barra Velha diz tentar imitar os colares que são mostrados nas novelas de televisão, mas isso não prejudica a criatividade das artesãs de Barra Velha que, segundo ela, são muito criativas (Cunha, 2013). Partindo dessa percepção, compreende-se a dinamicidade dos indígenas, afinal, ao se relacionarem com diferentes culturas e práticas sociais, podem modificar seus métodos de produção e isso não resulta em uma “perda” cultural, colocando a identidade indígena em “perigo” (Cunha, 2013).

No segundo caso a artesã Pataxó entrevistada afirma nunca ter estudado nem ter feito cursos de técnicas artesanais e que isso não a diminui enquanto artesã, ou seja, não é um impedimento para explorar sua criatividade durante a confecção dos artesanatos, fazendo questão de destacar que não possuía escolaridade (Cunha, 2013). Neste caso, ela evidencia que a criatividade e a habilidade para produção dos artesanatos não estão relacionadas aos estudos externos à aldeia, e sim, à sua cultura Pataxó. A artesã relata que durante a produção dos produtos artesanais, todas as ideias que vão surgindo durante o processo vêm de sua cabeça e isso é influência da educação herdada de seu pai e de suas irmãs quando criança. Hoje, depois de adulta, repassa todos os conhecimentos que adquiriu com os seus familiares para seus filhos e netos (Cunha, 2013).

A transmissão de conhecimento entre gerações pode acontecer tanto pelo ensino falado como pela observação de alguma atividade específica. É nesta relação de observar os mais velhos que muitos artesãos Pataxó aprenderam a confeccionar seus artesanatos (Cunha, 2013). E isso não se aplica somente à produção do artesanato, bem como a todas as atividades e práticas culturais. Aprende-se a plantar no roçado observando os mais velhos plantar, por exemplo, assim como aprende-se a pescar observando os mais velhos exercendo a mesma atividade (Cunha, 2013). Maher (2006) chama atenção para o fato de que, mesmo que este tipo de ensino não aconteça em uma “escola”, não é legítimo caracterizar como uma forma de aprendizagem “informal”, afinal, todos aqueles que transmitem qualquer forma de conhecimento na aldeia, sempre nesta relação de pessoas mais velhas para pessoas mais novas, são como professores (Maher, 2006), e o conhecimento passado de geração em geração, um aprendizado.

Mas nem sempre há interesse dos mais novos em aprender práticas culturais com os indígenas mais velhos. Cunha (2013) relata algumas queixas dos anciãos em relação aos mais novos devido a essa falta de interesse em aprender práticas culturais, como, por exemplo, a confecção dos artesanatos. Muitos indígenas jovens priorizam os estudos fora da aldeia e, conseqüentemente, acabam se distanciando dos saberes culturais de sua etnia. No relato de uma anciã entrevistada por Cunha (2013, p.71), ela desabafa: “Hoje os filhos não estão nem aí. Eu falo pra eles, vocês aprende a fazer o artesanato porque senão quando eu morrer eu levo tudo! Esses novato de hoje quer aprender leitura, coisa antiga não querem aprender mais não”. A partir da fala dessa anciã, percebe-se que o desinteresse no aprendizado sobre a confecção de artesanatos ameaça não somente a subsistência da família, mas também a tradição e o modo de vida, colocando em risco a transmissão de conhecimentos geracionais e, como consequência, o enfraquecimento da cultura transmitida (Neves, 2015).

Nesta seção destaquei as possibilidades de compreensão do artesanato a partir de uma perspectiva cultural para os indígenas. Pelo artesanato ser uma forma de representação material da cultura indígena, muitos estereótipos são designados a eles. Assim, nesta seção, a partir dos relatos de Cunha (2013), apresentei como alguns turistas, em posição de clientes, exigem certas posturas dos indígenas com a intenção de desejar adquirir um produto “legítimo” e “autêntico”, reforçando preconceitos enfrentados pelos indígenas. Por fim, mencionei aspectos culturais no processo de ensino e aprendizagem da produção dos artesanatos e como alguns indígenas anciãos relatam um sentimento de insatisfação quando jovens indígenas não demonstram interesse em aprender e aprofundar nos aspectos culturais da etnia.

1.5 Artesanato como conflito: elo entre a aldeia e a cidade

Dedico este espaço para tratar dos diferentes tipos de conflitos enfrentados pelos indígenas quando analisada a relação entre sua aldeia e a cidade. E aqui, para além de lugares físicos, essa relação entre aldeia e cidade também afeta os costumes e as maneiras de pensar e agir, uma vez que essa relação pode ser marcada por um distanciamento da aldeia, conforme afirma Grünewald (2015). Minha intenção é também debater como um possível distanciamento da aldeia desencadeia conflitos na vida dos indígenas. Para isso, nesta seção articulo os trabalhos de Pereira (2020) e Grünewald (2015), além de trazer uma reflexão sobre racismo estrutural mobilizada por Bonin (2021).

As violências praticadas contra os indígenas podem ter diferentes explicações sócio-históricas. Articulo o pensamento de Bonin (2021) para compreender parte dessas violências a

partir da perspectiva do racismo. A autora mobiliza o conceito de racismo estrutural de Silvio Almeida para relacionar a noção da ordem que a modernidade instituiu ao classificar os seres humanos por critérios raciais. Logo, nesta relação de poder entre aqueles que não são violentados por questões raciais e por aqueles que sofrem tais violências, os critérios raciais são legítimos pela perspectiva do opressor para explicar os privilégios de quem detém o poder social, econômico e político (Bonin, 2021). O racismo no Brasil desencadeia condições estruturais para que grupos subalternos – seja por características biológicas, étnicas ou culturais – sejam violentados, criando barreiras materiais e simbólicas, sujeitando tais indivíduos e coletividades a uma ordem opressora (Bonin, 2021). Uma das faces do racismo é, segundo Bonin (2021), a definição do valor da vida imposta pela hierarquia e, partindo dessa perspectiva e compreendendo as violências praticadas contra os indígenas como violências racistas, procuro discutir como elas aparecem em contextos urbanos.

Percebo a questão do conflito não somente como uma categoria de análise, mas também como um marcador que perpassa todas as outras categorias que já foram trabalhadas no presente trabalho, entendendo a impossibilidade de desvinculação da noção desta noção ao estudar indígenas na cidade. Por isso, destaco o conflito de duas maneiras: 1) enquanto marcador que está presente na vida dos indígenas que vivem nesta relação entre aldeia e cidade e; 2) enquanto categoria de análise, assim como as outras duas categorias que foram trabalhadas anteriormente.

Enquanto categoria de análise, percebi a presença do conflito, de forma marcante, na disputa pelo espaço na cidade, tendo o artesanato como protagonista nesta oposição de interesses dos indígenas no “mundo dos brancos”. Portanto, o recorte articulado na pesquisa é a presença dos indígenas na RMBH e os conflitos percebidos no contexto de vendas dos seus artesanatos. Percebo o artesanato enquanto símbolo de conflito principalmente pelo lugar que ele ocupa: um elo entre a aldeia e a cidade. O artesanato é a representação de duas grandes facetas, representando laços culturais e identitários, bem como instrumentos possíveis para a subsistência dos indígenas nas cidades (Pereira, 2020).

A decisão de sair da aldeia e ir para cidade é motivada pelo que os indígenas acreditam que esta pode oferecer: melhores condições de vida, acesso à saúde, educação e oportunidades de trabalho (Pereira, 2020). No entanto, ao chegar na cidade, a realidade encontrada é bem diferente do sonho idealizado. Os que decidem ficar na cidade em busca desses sonhos, principalmente o de encontrar oportunidades de trabalho, acabam residindo em bairros periféricos, uma vez que os aluguéis dessas moradias são mais baratos e, por isso, mais acessíveis. Por viverem em bairros afastados, enfrentam dificuldades como a falta de

saneamento básico, a falta de segurança, a dificuldade de locomoção para o centro da cidade e os empecilhos no acesso à saúde, às escolas e aos trabalhos remunerados. Em outras palavras, o deslocamento do indígena acontece “da aldeia para a cidade e, na cidade, sempre em direção à periferia destituída de bens e serviços e onde a vida se realiza de forma precária” (Pereira, 2020, p. 17).

A baixa escolaridade e a falta de qualificação direcionam os indígenas às atividades informais e ao desemprego (Pereira, 2020). O artesanato, neste cenário, atua como um protagonista: a possibilidade de sobrevivência através das vendas. O artesanato, na maioria dos casos, é a principal fonte de renda da família, sendo designado às mulheres a confecção e aos maridos o processo de venda (Pereira, 2020). A produção do artesanato vai além de um produto para vender nas feiras artesanais, sendo uma forma de expressão cultural e étnica dos indígenas, uma vez que cada etnia possui técnicas diferentes. Podemos perceber essa dinâmica a partir desta fala (Pereira, 2020, p.24):

Pra mim, eu sempre digo, o artesanato não é somente produto mercantil. Pra nós é vida. É cultural. Ela é linguística. Ela é uma identidade que nos afirma através desse artesanato bonito com grafismo, com simbologia, com pintura. Ela expressa uma riqueza da humanidade. Não é somente do povo indígena, mas ela é da humanidade.

O artesanato é a materialização da cultura, do saber, da percepção de mundo dos indígenas para o “mundo dos brancos”. E, por carregarem símbolos e significados culturais, também carregam divergências, conflitos e dificuldades neste âmbito de sobrevivência.

Nem sempre os indígenas Pataxó foram artesãos. Como mencionado nas seções anteriores, tornar-se artesão partiu da situação emergencial em que se encontravam na década de 70 no sul da Bahia. No entanto, de uma situação emergencial, a subsistência a partir do artesanato é até hoje a principal forma de vida encontrada por esses indígenas. Assim como em toda relação de compra e venda, os indígenas Pataxó, tendo como os seus principais clientes os turistas, desde a década de 70 procuravam maneiras de adaptar os artesanatos para agradar os turistas da região do sul da Bahia (Grünwald, 2015). Este processo de caracterização em que os indígenas Pataxó precisam adaptar os artesanatos a partir de um parâmetro externo é caracterizado por Grünwald (2015) como uma forma de “colonialismo interno”.

Grünwald (2015) caracteriza como uma forma de “colonialismo interno”, neste cenário da década de 70, em razão da dependência econômica que os indígenas desenvolveram em relação aos turistas, tornando-se pessoas sem autonomia (Grünwald, 2015). Entretanto, ainda que Grünwald (2015) destaque o lado negativo dessa relação, o autor também menciona a

importância da produção de artesanatos, pois a partir desse processo, os indígenas conseguem firmar laços com suas identidades, fortalecendo suas etnicidades. Ainda que neste contato, pensando no contexto turístico, exista influências culturais dos não-indígenas sobre os indígenas, os indígenas mantêm suas tradições e etnicidades presentes (Grünewald, 2015).

Nesta seção, tratei sobre como a venda dos artesanatos geram conflitos para os indígenas que estão em contextos urbanos. Mencionei como estes conflitos se relacionam ao racismo; baixa escolaridade e poucas oportunidades de trabalho nas cidades; conflitos nas vendas dos artesanatos, além de questões culturais e de etnicidade. Concluí a seção a partir das análises trazidas no estudo de Grünewald (2015) no qual o autor menciona a existência de um “colonialismo interno”, caracterizando a relação entre indígenas e turistas uma relação de dependência por parte dos indígenas, uma vez que o âmbito do turismo é um dos maiores responsáveis pela subsistência dos indígenas (Grünewald, 2015).

1.6 Marco conceitual: aproximando conceitos

Finalizado a revisão de literatura, escrevo nesta seção uma síntese conceitual do que foi trabalhado nas seções anteriores, com o objetivo de articular os principais conceitos trabalhados anteriormente antes de iniciar a exposição metodológica.

Ser artesão não implica em uma premissa de já nascer sabendo exercer este ofício. Alguém se torna artesão diante de alguma motivação que o conduz ao mundo dos artesanatos. Tais motivações podem ter diferentes princípios, mas uma motivação que é comum entre os artesãos é a possibilidade de conseguir obter renda a partir das vendas do que se fabrica (Grünewald, 2015). Assim, começo o marco conceitual mobilizando o ato de tornar-se artesão como um mecanismo estratégico de sobrevivência que possibilita unir a cultura materializada no produto artesanato com a possibilidade real de obtenção de rendimentos (Grünewald, 2015).

Tornar-se artesão e perceber essa prática como uma estratégia de obter renda foi visto como possibilidade recente para os indígenas Pataxó. Somente em 1970 o artesanato foi introduzido na vida dos Pataxó como algo viável para subsistência (Agostinho, 1980; Grünewald, 2015). Anteriormente, as atividades econômicas eram pautadas predominantemente na pesca, na caça e na agricultura (Agostinho, 1980). A prática de confeccionar colares, brincos e dentre outros adereços culturais era comum entre os indígenas Pataxó apenas para uso próprio, e não como uma possível atividade econômica (Grünewald, 2015). Como apresentado anteriormente, foi somente a partir de 1970, quando foi apresentado

aos Pataxó, através de um funcionário da FUNAI, tal possibilidade, é que a atividade econômica se tornou presente e predominante entre eles (Agostinho, 1980; Grünewald, 2015).

Hoje, unir a confecção de artesanatos com a venda dos mesmos é o que muitos Pataxó desejam para a sobrevivência, uma vez que é possível “materializar a cultura”, apresentar aos não-indígenas e ainda conseguir obter renda (Grünewald, 2015). É a partir desta perspectiva que o presente trabalho parte, compreendendo o artesanato como elo entre a aldeia e a cidade e investigando quais são as possibilidades e conflitos existentes entre esses dois mundos. Por mencionar dois diferentes mundos, falar sobre indígenas nas cidades é trazer essa discussão para debate. A discussão sobre os indígenas no “mundo dos brancos” não é tão recente, já sendo pauta para autores como Cardoso de Oliveira (1976) e João Pacheco de Oliveira (1997;1999) na década de 60 e 70. E desde essa época, Cardoso de Oliveira (1976) percebia o poder existente na relação entre indígenas e não-indígenas, caracterizando como uma relação de dominação e de sujeição onde o indígena sempre estará sujeito e sempre será dominado pelo “homem branco colonizador” (Cardoso de Oliveira, 1976).

Aproximando os apontamentos desta relação entre indígenas e não-indígenas para épocas mais recentes, Grünewald (2015) faz comparações semelhantes às de Cardoso de Oliveira (1976) quando descreve a relação entre os indígenas Pataxó e os turistas do sul da Bahia. Analisando a complexa relação entre os Pataxó e o turismo, Grünewald (2015) pontua que a relação entre indígenas e turistas é pautada nesta relação de sujeição, onde o turista, visto como o “o homem branco colonizador” à procura do *outro exótico* e diferente do “comum” sempre domina essa relação (Grünewald, 2015; Grünewald, 2003).

O turismo, atividade econômica presente no sul da Bahia há cerca de 40 anos, é o alicerce da economia da região e está cada vez mais presente na vida dos indígenas Pataxó (Grünewald, 2015). E nesta relação entre turistas e indígenas que Grünewald (2015) evidencia um “colonialismo interno”, no qual os Pataxó, na tentativa de manter as vendas de seus artesanatos, precisou, e ainda precisa, moldar os artesanatos “ao gosto do cliente”, dessa forma, eles foram “sendo reconfigurados segundo diretrizes que visavam o consumo externo, do qual ficaram os indígenas economicamente dependentes e sem autonomia” (Grünewald, 2015, p. 413).

Ainda que possamos interpretar tal relação como conflituosa (Grünewald, 2015), Neves (2015) relata, a partir de seus estudos, o desejo dos indígenas Pataxó em estarem imersos no mundo da comercialização dos artesanatos, pois, a partir do seu ponto de vista, vender artesanato seria algo vantajoso, dada a possibilidade de trabalhar com algo de tamanho

significado cultural para eles e, de certa forma, apresentar sua cultura aos não-indígenas (Neves, 2015). Outro aspecto mencionado no trabalho de Neves (2015) é a curiosidade dos turistas em relação ao modo de vida dos indígenas Pataxó e como tal curiosidade é movida pelo interesse em adquirir produtos “legítimos”. A vontade de saber quais outras atividades os Pataxó realizam incentiva, de certa forma, os Pataxó a conhecerem mais sobre sua cultura e desenvolverem atividades culturais (Neves, 2015). Tais mudanças neste sentido ajudam também no processo de venda, pois, em elas, “os turistas poderiam não ter interesse em conhecer sobre suas vidas” (Neves, 2015, p.141).

Vender artesanatos implica em uma mobilidade entre a aldeia e a cidade, podendo ser uma mobilidade definida, o que leva os indígenas a morarem nas cidades, ou uma mobilidade transitória, na qual existe uma constância no deslocamento entre a aldeia e a cidade (De Campos, 2019). De qualquer forma, independentemente da natureza desta mobilidade, ela acontece pela procura de melhores condições de vida, ou seja, melhores condições de trabalho, acesso facilitado à saúde, à educação, entre outros fatores (Campos; De Campos, 2022). No entanto, o trânsito para a cidade é sempre acompanhado por conflitos, sejam identitários, étnicos, culturais, econômicos ou sociais (Pereira, 2020), logo, ser indígena e estar nas cidades implica, muitas vezes, em sofrer diferentes tipos de violências (Pereira, 2020).

As adversidades enfrentadas pelos indígenas possuem sua natureza no racismo e no capitalismo, uma vez que muitas formas de violências são praticadas contra os indígenas pelo fato de serem indígenas nas cidades e, conseqüentemente, fugindo do que se espera “ser indígena” (Bonin, 2021). A vida dos indígenas é marcada por cenários conflituosos (Grünwald, 2015) e tal característica não é exclusiva da atualidade (Cardoso de Oliveira, 1976). Nesta pesquisa, tendo o artesanato Pataxó como objeto central de estudo, percebe-se como as diferentes relações com os artesanatos podem desencadear diversas formas de conflito. Assim, meu intuito nesta seção foi agrupar em um mesmo lugar os principais pontos e conceitos trabalhados na revisão de literatura para, a seguir, iniciar o capítulo metodológico e as análises dos dados.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: MÉTODO E PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

A metodologia qualitativa possibilita aos pesquisadores obter uma compreensão dos fenômenos sociais que estão sendo estudados a partir da captação do ponto de vista do sujeito sobre um fenômeno social que ele experimenta (Creswell, 2014). Ao contrário da pesquisa quantitativa, que é utilizada para coleta e análise de dados numéricos, a pesquisa qualitativa é realizada a partir da coleta e análise de dados textuais, visando aprofundar significados das ações dos sujeitos sob seu ponto de vista.

Assim, a metodologia qualitativa auxilia na investigação do meu problema de pesquisa, pois, a partir dela, será possível apreender o ponto de vista dos indígenas sobre a venda de seus artesanatos e, além disso, investigar de que forma esse objeto mercadológico impacta nos seus estabelecimentos na cidade e na reafirmação de suas identidades.

Com o objetivo de investigar o uso dos artesanatos pelos indígenas Pataxó como instrumentos identitários e como fonte de renda, a metodologia escolhida para a proposta de investigação desta pesquisa é a Análise Temática (AT) segundo Braun e Clarke (2006). A análise temática é um método que visa identificar, analisar e relatar padrões que são encontrados nos dados que serão analisados. Esses padrões são denominados de temas e os mesmos são organizados com descrições ricas em detalhes. A análise temática é um método que pode relatar experiências, expressar significados e descrever a realidade dos sujeitos que foram entrevistados, bem como pode ter uma característica mais construtivista, na qual examina como os significados e experiências se revelam como efeitos que operam dentro de uma “realidade”.

Um tema, a partir do método da AT, expressa pontos importantes sobre os dados que foram coletados, relacionando-se com o ponto central da pesquisa, no qual é apresentado um sistema padronizado dentro de um conjunto de dados. Os temas podem ser identificados na AT a partir de duas maneiras: de maneira indutiva ou de maneira dedutiva. Usando a perspectiva indutiva, os temas são identificados a partir dos dados coletados, aproximando-se do método da teoria fundamentada. A análise indutiva é guiada pelo processo de codificação dos dados sem seguir uma codificação já existente, afinal, ela é orientada pelos dados coletados.

Por outro lado, a análise temática realizada pela perspectiva dedutiva é guiada pelo interesse teórico do pesquisador. Este caminho oferece uma descrição menos detalhada dos dados, no entanto, possibilita o aprofundamento de alguns pontos específicos dos dados em análise.

Nesta pesquisa, opto pelo caminho da análise temática indutiva, evidenciando os temas propostos a partir dos dados analisados. Em complemento, após o apontamento dos temas a partir dos dados, relaciono a análise temática indutiva com as teorias exploradas na revisão de literatura.

2.1 Etapas da Análise Temática

Algumas etapas da AT são semelhantes a outras etapas de métodos qualitativos, não sendo exclusivas deste método. Para exemplificar o procedimento e o passo a passo para utilizar o método da análise temática, a tabela feita pelas autoras Braun e Clarke (2006) ilustra, de maneira didática, as etapas necessárias:

Tabela 1 – Fases da Análise Temática

Estágio	Descrição do processo
1. Familiarizando-se com os seus dados:	Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais.
2. Gerando códigos iniciais	Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código.
3. Buscando por temas	Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.
4. Revisando temas	Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiros (nível 2), gerando um “mapa” temático da análise.
5. Definindo e nomeando temas	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o relatório	A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato; análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

Fonte: Braun e Clarke (2006).

Como visto na Tabela 1, a *primeira etapa* consiste na familiarização do pesquisador com os seus dados. Essa ação é iniciada a partir das transcrições dos dados – quando necessário

–, na leitura e releitura dos dados e nos apontamentos iniciais. Para isso, Braun e Clarke (2006) recomendam uma leitura repetida e ativa dos dados, possibilitando uma proximidade com os dados que serão estudados, o que justifica pesquisas qualitativas utilizarem amostras menores.

O processo de familiarização com os dados permite ainda anotar e apontar ideias para a codificação. A transcrição, feita com dados verbais, possibilita maior proximidade pela capacidade do pesquisador em interpretar o que está analisando (Braun; Clarke, 2006). É válido ressaltar que na análise temática, de modo geral, não é exigido um detalhamento extenso na transcrição, atendo-se mais em representar as expressões verbais e não verbais e interpretando-as para análise de maneira “fiel” aos dados (Braun; Clarke, 2006).

Após esta etapa, *inicia-se a segunda etapa*, produzindo códigos iniciais a partir dos dados, identificando as partes que mais parecem interessantes para o pesquisador, referindo-se ao nível mais básico em relação ao fenômeno (Braun; Clarke, 2006). A etapa de codificação faz parte da análise uma vez que o pesquisador organiza os dados em grupos significativos. No entanto, é importante ressaltar que os dados codificados diferem das unidades de análise, o que, na análise temática, é lido como temas, que são, muitas vezes, mais amplos (Braun; Clarke, 2006). As unidades de análise (temas) são desenvolvidas na próxima etapa, onde há uma análise interpretativa dos dados e uma delimitação de análise (Braun; Clarke, 2006).

Com os dados codificados e agrupados, em um nível inicial, *inicia-se a terceira etapa*. Em uma triagem, temas potenciais são identificados pelo pesquisador e, a partir da codificação inicial, ou seja, um momento dedicado para análise e combinação dos códigos para formar temas abrangentes, possibilitando perceber as relações entre os códigos e entre os temas em si, criando subtemas (Braun; Clarke, 2006). Nesta etapa, os temas e subtemas começam a tomar forma, sendo necessário uma análise profunda para alinhar os detalhes, combinando, refinando, separando ou descartando os temas e subtemas (Braun; Clarke, 2006).

A *quarta etapa* é o refinamento dos temas. O pesquisador precisa analisar quais temas são consistentes para serem trabalhados, quais precisam ser divididos e quais precisam ser excluídos. O refinamento dos temas possui o propósito de consolidar a coerência significativa dos dados dentro dos temas e distinguir os temas entre si (Braun; Clarke, 2006). Para que isso ocorra, Braun e Clarke (2006) destacam dois níveis de revisão. O primeiro nível é a revisão dos extratos codificados de dados, revisando se eles são coerentes. Caso não sejam, é preciso ajustar os temas, subdividindo-os ou descartando-os. O segundo nível é caracterizado pela validação dos temas individuais em relação ao conjunto dos temas e observando se o mapa temático espelha os significados dos conjuntos de dados (Braun; Clarke, 2006). Ao final, a quarta etapa

possibilita ao pesquisador uma visão geral sobre os diferentes temas, suas relações e sobre as histórias gerais que tais temas fornecem para a análise (Braun; Clarke, 2006).

A *quinta etapa* busca aperfeiçoar os temas e os dados, identificando a “essência” de cada tema e determinando os aspectos dos dados que são capturados em cada tema (Braun; Clarke, 2006). Para descrever sobre a “essência” dos dados, é preciso identificar o cerne dos mesmos, destacando seus principais pontos. Quanto aos temas, faz-se necessário escrever uma análise detalhada, identificando a “história” de cada tema, relacionando com as histórias dos outros temas e, por fim, com o problema de pesquisa. Ao final da quinta etapa, é importante evidenciar os temas que foram definidos durante a análise.

Por fim, a *sexta etapa* consiste na análise final e na escrita do relatório. O ponto principal do relato de uma análise temática é contar a história que os dados apresentam. É importante contar a história de uma forma concisa, coerente, lógica e interessante, relacionando todos os temas que foram selecionados (Braun; Clarke, 2006).

2.2 Natureza dos dados: utilizando dados secundários

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados por De Campos (2019) por meio de entrevistas semiestruturadas com um grupo de indígenas na Aldeia Naô Xohã, tendo como objetivo original compreender as perspectivas de migração e mobilidade espacial dos indígenas Pataxó. Os entrevistados, lideranças indígenas e outros moradores, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram gravadas e transcritas, resultando em um banco de dados em formato textual.

Apesar de De Campos (2019) investigar outras questões dos indígenas Pataxó, o que implica nas entrevistas não serem desenvolvidas com o objetivo de compreender as relações dos indígenas Pataxó com os seus artesanatos, apontamentos sobre o tema foram recorrentes. As dinâmicas dos Pataxó com os artesanatos estão presentes em diversas facetas de suas vidas, incluindo as questões de migração e mobilidade, permitindo que eu encontrasse nos relatos dos entrevistados dados suficientes para a elaboração desta pesquisa.

Ainda que existam limitações ao utilizar dados secundários (Richardson, 1999), como o não aprofundamento em alguns aspectos durante a coleta de dados, uma vez que eles foram coletados para atender diferentes objetivos de outro pesquisador, o trabalho desenvolvido não foi prejudicado por esta decisão, uma vez que os dados trabalhados foram suficientes para contemplar o objetivo do trabalho, não perdendo o rigor metodológico.

Com o objetivo de compreender o uso do artesanato pelos indígenas Pataxó como forma de se estabelecer na cidade, as entrevistas foram fundamentais para as análises empíricas deste trabalho, tendo em vista que os entrevistados falam, detalhadamente, sobre a relação da produção e venda de artesanato em Belo Horizonte, bem como dos conflitos existentes nessa dinâmica. Assim, a partir das respostas dos entrevistados, foi possível compreender o ponto de vista dos indígenas Pataxó sobre o artesanato enquanto instrumento de reafirmação identitária, utilizando-se da metodologia escolhida.

2.3 Etapas da Análise Temática: aplicação nos dados utilizados

Nesta seção, detalho como segui as etapas da Análise Temática no processo de análise dos dados desta pesquisa. Meu objetivo é apresentar o passo a passo do que realizei, desde o momento inicial, sendo este a familiarização com os dados, até o momento final, sendo a elaboração do relatório de análise.

- Primeira etapa: familiarizando-se com dados

A primeira etapa, seguindo os passos de Braun e Clarke (2006), foi a leitura das transcrições das entrevistas. Realizei uma leitura profunda e repetida das transcrições das entrevistas que foram realizadas por De Campos (2019) e selecionei as entrevistas que dialogavam com o meu objeto de estudo.

Após a leitura e seleção das entrevistas, anotei minhas principais ideias, tendo sempre o objetivo da pesquisa como um norteador, com a intenção de anotar ideias para a etapa seguinte, sendo essa a etapa da codificação.

- Segunda etapa: gerando códigos iniciais

Após a familiarização com os dados selecionados e separação das entrevistas, exercendo uma leitura ativa e repetitiva dos dados, identifiquei os principais trechos que abordam o meu problema de pesquisa. Esse processo de organizar e identificar trechos das entrevistas que se relacionam com o problema de pesquisa, na análise temática, produz códigos iniciais. Os códigos iniciais não permaneceram até a última etapa, no entanto, foram importantes para a imersão nos dados.

Dessa forma, nesta etapa, produzi códigos iniciais a partir da familiarização com os dados, aproximando-me dos dados e agrupando-os por suas similaridades.

- Terceira etapa: buscando por temas

Nesta etapa, dediquei meu olhar aos possíveis temas. Para isso, reli os trechos das entrevistas que foram selecionados e pensei em temas mais abrangentes que se relacionassem com os códigos iniciais que produzi na etapa anterior. Ao agrupar os códigos iniciais com temas abrangentes, Braun e Clarke (2006) denominam esse processo como “criação de temas e subtemas”.

Nesta etapa, ciente de que estes temas e subtemas irão sofrer alterações até a etapa final, relacionei os subtemas (códigos iniciais) aos temas, criando uma tabela inicial neste procedimento metodológico. Assim, avancei para a próxima etapa tendo temas e subtemas provisórios.

- Quarta etapa: revisando temas

Com os temas e subtemas provisórios em mãos, compreendi a relação entre os subtemas e os temas, averiguando quais subtemas poderiam ser excluídos, agrupados entre si ou passar por uma nova divisão. Fiz o mesmo procedimento para os temas, buscando chegar em temas que fizessem sentido com os pilares deste trabalho. Após concluir o refinamento dos temas e subtemas, elaborei um mapa temático, ainda de forma provisória, em meu caderno de pesquisa, com a intenção de visualizar melhor quais temas iriam ser trabalhados nesta pesquisa.

- Quinta etapa: definindo e nomeando temas

Na penúltima etapa, determinei os nomes dos temas e subtemas, separei quais aspectos seriam abordados em cada tema e quais histórias seriam contadas em cada subtema. Ao determinar o que cada tema e subtema iria tratar, me guiei pelas entrevistas selecionadas e pelos objetivos da minha pesquisa. O intuito era organizar, tanto de forma cronológica quanto de forma coerente, a história dos indígenas Pataxó e a relação com o artesanato na RMBH.

Posteriormente, elaborei o mapa temático definitivo (Figura 1), com o objetivo de ilustrar ao leitor o resultado final deste processo de criação de temas e subtemas a partir dos dados selecionados nesta pesquisa. O mapa temático auxilia não somente na visualização do resultado final, mas também na organização das análises dos dados. Tais etapas foram necessárias para guiar o processo de análise dos dados.

- Sexta etapa: produzindo o relatório

Por fim, a sexta e última etapa consiste na análise final dos dados e na escrita do que foi analisado. Nesta etapa, após a organização dos temas e subtemas definitivos, realizei a análise

dos dados e produzi a escrita final, contando a história dos Pataxó desde Coroa Vermelha até a chegada em Belo Horizonte, evidenciando a relação dos indígenas Pataxó com o artesanato e seu processo de comercialização.

Meu objetivo nesta seção foi apresentar o procedimento metodológico realizado nesta pesquisa utilizando a Análise Temática conforme Braun e Clarke (2006).

2.4 O artesanato compreendido em três esferas: interpretando por uma perspectiva da vulnerabilidade

Realizar uma pesquisa de natureza qualitativa é desafiador em diversos momentos. Isso porque é preciso, de maneira mais intensa, debruçar-se sobre o tema estudado e dedicar-se a ele por um tempo significativo. Exige do pesquisador uma verdadeira imersão no mundo estudado. A partir dos estudos da sociologia compreensiva de Weber (1971), o agir humano detém de significados que fazem sentido ao sujeito que pratica. O sentido, sendo este subjetivo, é relacional a ação humana. Assim, a sociologia é, portanto, a compreensão dos sentidos percebidos nas ações sociais (Weber, 1971).

Enquanto pesquisadora inserida no âmbito da sociologia, com formação inicial na filosofia, compreender os sentidos das ações humanas, inseridas em um determinado contexto social, exige que eu recorra a algumas literaturas específicas. Portanto, pretendo realizar a minha pesquisa a partir dos saberes filosóficos e sociológicos com o intuito de compreender (e aqui utilizo o sentido de acordo com Weber) qual o papel do artesanato para o estabelecimento de determinado grupo de indígenas Pataxó na RMBH. Aprender os significados das ações dos sujeitos, a partir de um olhar metodológico, implica em realizar uma pesquisa qualitativa. Desenvolver uma pesquisa qualitativa fornece ao pesquisador mecanismos para compreender sentidos e significados que são percebidos nas ações dos sujeitos que estão sendo estudados.

Meu objetivo nesta seção é ilustrar ao leitor de que forma pretendo seguir com a análise dos dados e contar as histórias dos indígenas Pataxó a partir da perspectiva da vulnerabilidade, como é proposto pela antropóloga Ruth Behar (1996). O cumprimento desta tarefa requer uma responsabilidade ética para com os participantes da pesquisa. Poderia seguir com a apresentação dos resultados de diferentes formas. Escolho o caminho da vulnerabilidade. Situar-me como uma pesquisadora vulnerável é partir do entendimento descrito pela antropóloga Ruth Behar em seu livro *The Vulnerable Observer: Anthropology That Breaks Your Heart* (1996) de que a vulnerabilidade permite ao pesquisador a ação do diálogo.

Ao remeter a vulnerabilidade para o campo da pesquisa, quero sinalizar o meu respeito ao *Outro* que está sendo estudado. Não desejo tratar os participantes como meros “objetos de pesquisa”, apenas descrevendo os resultados encontrados como se esses *Outros* vivessem em contextos isolados. Situar-me como uma pesquisadora vulnerável é destacar que valorizo as condições dos *Outros* que participam da pesquisa, buscando relatar as experiências dos sujeitos da forma mais fiel possível.

Diferentemente da pesquisa quantitativa, uma pesquisa de caráter qualitativo evidencia as experiências dos sujeitos em relação ao fenômeno estudado. Articular experiências é tratar com indivíduos que não vivem de forma isolada no mundo. E, partindo desse entendimento de que o fenômeno explorado nas entrevistas com os participantes remete a experiências de vida de pessoas, busco analisar seus relatos a partir do entendimento de pesquisador vulnerável de Behar (1996).

Adotando a perspectiva de Behar (1996), busco analisar o uso dos artesanatos pelos indígenas Pataxó na cidade de Belo Horizonte a partir de entrevistas realizadas em 2019, sendo entendidos como instrumentos culturais e, ao mesmo tempo, fonte de renda, constituindo-se assim em um elo entre a aldeia e a cidade, destaco, a partir das narrativas dos indígenas, três aspectos percebidos sobre o papel do artesanato: trabalho e sobrevivência; expressão cultural; conflito no espaço urbano. A partir desta divisão, pretendo dialogar como o artesanato se relaciona com os entrevistados nestas três esferas.

3. O ARTESANATO COMPREENDIDO EM TRÊS ESFERAS: ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo irei analisar os dados após organizá-los em temas e subtemas. As seções deste capítulo foram divididas pelos temas da pesquisa, sendo eles: 1) perspectivas de trabalho e subsistência; 2) expressão cultural; e 3) conflitos. Logo, em cada seção analiso a relação dos dados com cada temática, desenvolvendo os nexos de cada subtema com o tema em questão.

Portanto, o capítulo 3 foi dedicado à análise dos dados. Nele, a partir da minha interpretação da literatura trazida nesta pesquisa, realizo a interpretação dos dados coletados das entrevistas e aproximo com a literatura selecionada.

3.1 Artesanato como possibilidade: perspectivas sobre trabalho e subsistência

Para tratar do primeiro tema em questão, “perspectivas de trabalho e subsistência”, apresento, de acordo com a Tabela 2, os temas e subtemas percebidos por mim a partir das falas dos entrevistados. A intenção foi organizar, temas e subtemas, as histórias das pessoas entrevistadas a partir de uma linearidade cronológica, com o intuito de facilitar o entendimento do leitor e possibilitar uma melhor análise.

Tabela 2 – Perspectivas de trabalho e sobrevivência: tema e subtemas

Tema 1	Subtemas
Perspectivas de trabalho e subsistência	Concorrência para venda em Coroa Vermelha
	Mudança para Belo Horizonte
	Subsistir na cultura do dinheiro
	Modos de obtenção e produção do artesanato
	Locais de vendas dos artesanatos
	Dificuldade para vender artesanato
	Utilização de estratégias culturais para venda de artesanato
	Dificuldade para sobreviver da venda de artesanato
	Estudos como possibilidade de estabilidade financeira

Fonte: Elaboração própria, 2023

Introduzindo o primeiro subtema “*concorrência para venda em Coroa Vermelha*”, trago relatos dos entrevistados que argumentam ter saído de Coroa Vermelha por conta da alta concorrência local para a venda de seus artesanatos:

Porque lá na nossa região, por ser uma região muito habitada de parente, de indígena, a venda do artesanato não dá mais sustentabilidade para ninguém, tem vezes que a gente fica com a porta lá aberta, em loja expondo, tem gente que não vende nada, tem uns que vendem R\$5,00 por dia. Não tem como viver, né? (Indígena entrevistado, 2019).

A melhor época para as vendas dos artesanatos, segundo os entrevistados, é em alta temporada, ou seja, em época de férias onde há maior fluxo de turistas na cidade, impulsionando as vendas. Entretanto, no restante do ano, há dificuldade para conseguir sobreviver com a atividade, dado que as vendas caem consideravelmente quando comparadas às épocas de alta temporada. Assim, diante do cenário descrito pelos entrevistados, a concorrência é o principal motivo para sair de Coroa Vermelha e procurar outros lugares para viver e trabalhar.

O trânsito faz parte da vida dos indígenas entrevistados. Alguns relataram que viajar para procurar outros lugares de obtenção de renda é uma prática comum entre eles:

No meu caso, é porque eu comecei a viajar eu tinha 17 anos, cara.... 17 anos de idade, comecei a viajar vendendo artesanato, divulgando a cultura, fazendo palestra em escola... Aí a última cidade que eu parei foi aqui, fixo né, em Belo Horizonte (Indígena entrevistado, 2019).

Introduzo, a partir da fala do entrevistado acima, o segundo subtema percebido por mim dentro da temática 1: *a mudança para Belo Horizonte*.

Sair de sua cidade de origem e ir em busca de outras fontes de renda pode ser vista como uma prática recorrente entre indígenas e não-indígenas, principalmente quando pensamos na migração nordeste-sudeste. Não obstante, o subtema engloba relatos de indígenas que perceberam oportunidades de alcançar outras fontes de renda na RMBH. Alguns relatos também contemplam o desejo de estudar, fazendo de sua mudança para Belo Horizonte não somente uma forma de conseguir renda, mas também uma porta de entrada para os estudos, seja para si ou para seus filhos. Ao chegar em Belo Horizonte, alguns foram morar em bairros como Jardim Vitória, Nova Cintra e Venda Nova, bairros periféricos da cidade. Há preferências por estes bairros pelo baixo custo dos aluguéis. Segundo um entrevistado:

Eu tava em um alojamento. Alojamento com uns 20, 30 pião dentro. Morei aí nesse alojamento por uns 3 a 4 anos (Indígena entrevistado, 2019).

No entanto, ainda existiam obstáculos para sobreviver das vendas dos artesanatos em Belo Horizonte e cada vez mais o dinheiro se tornou algo indispensável para a obtenção de seus meios de vida. *Subsistir na cultura do dinheiro*, título do subtema que será abordado agora, já era uma realidade desde antes da mudança. Assim como afirmou um entrevistado:

A gente começou fazer os artesanatos para gente sobreviver porque a gente via que o dinheiro já era uma coisa que a gente não podia também ficar sem o dinheiro por causa do homem branco (Indígena entrevistado, 2019).

A vida se tornou dependente do dinheiro e procurar trabalhos que possibilitem renda se tornou uma realidade para eles. De acordo com este relato, a vida hoje já não é mais como antes:

Porque o homem branco colocou isso dentro da nossa comunidade o dinheiro, porque a gente sobrevivia do dinheiro a gente plantava, a gente pescava, mas a gente via que as caças já estavam extintas, já não tinha caças já estavam em extinção muitas (Indígena entrevistado, 2019).

A dependência ao dinheiro, desde Coroa Vermelha, assim como em Belo Horizonte, exige trabalhos remunerados para sobreviver em uma dinâmica de vida que exige a obtenção do dinheiro para suprir suas necessidades básicas. As expectativas da mudança para Belo Horizonte eram altas. O sonho de conseguir transformar suas vidas em outra cidade parecia promissor. No entanto, segundo este relato:

Mais falta ainda [o dinheiro em Belo Horizonte], porque eles veio com um sonho e quando chegou aqui o sonho era diferente... o sonho era diferente [...] o sonho não era o que eles pensavam (Indígena entrevistado, 2019).

E a percepção de que o dinheiro estava no centro e que não havia mais expectativas de viver sem ele se tornou a realidade. “*Sempre foi dependente ao dinheiro*”, afirma um entrevistado.

Após o estabelecimento na cidade, era hora de pensar sobre *os modos de obtenção e produção do artesanato*. Neste subtema, reuni os relatos dos entrevistados contando como eles adquiriam os artesanatos e, em alguns casos, produziam em Belo Horizonte. O grupo Pataxó, quando morava em Coroa Vermelha, produzia seus artesanatos com a matéria-prima local. Ao chegar à RMBH, tiveram que alterar suas dinâmicas, pois não encontraram a mesma matéria-prima. Passaram a comprar os artesanatos prontos de seus parentes que exportavam para Belo Horizonte, tendo em vista que o custo da compra do produto finalizado compensava era mais vantajoso, neste caso, do que a produção. Assim, de acordo com um entrevistado:

Trazer pronto, né? Exatamente, porque hoje você faz um depósito de um dinheiro desse não tem rendimento quase nenhum. E o material se eu comprar R\$1000,00, eu vou virar nele R\$2000,00. É, porque se eu investir R\$1000,00, eu faço R\$2000,00 nele. Dependendo de onde eu for expor e o valor que eu passar meu material, até mais eu faço. Aí minha previsão é essa, não tenho esse negócio de querer guardar dinheiro (Indígena entrevistado, 2019).

Essa dinâmica de compra e revenda possibilita obter uma fonte de renda para suprir a permanência na cidade. Entretanto, existem outros tipos de artesanatos que conseguem ser

fabricados em Belo Horizonte, uma vez que demandam matéria-prima que pode ser extraída na cidade, como o bambu que possibilita a fabricação de apitos.

A respeito dos lugares para as vendas dos artesanatos, incluí os relatos dos entrevistados no subtema *locais de vendas dos artesanatos* para discutir sobre eles. Neste subtema, os entrevistados mencionam apenas os lugares, não necessariamente discutem sobre as condições de trabalho. Após este subtema, haverá outros para debater especificamente sobre as condições de trabalho e vendas dos artesanatos.

Já hospedados e vivendo em Belo Horizonte, os indígenas Pataxó concentraram suas vendas em dois pontos da cidade: a Praça Sete de Setembro, popularmente chamada Praça Sete, e a Feira de Artes, Artesanato e Produtores de Variedades, conhecida como “Feira Hippie”. Os dois lugares são estratégicos para as vendas. A Praça Sete, na região central, é a praça mais movimentada da cidade, possibilitando maiores chances de vendas.

A Feira Hippie, localizada em uma das principais avenidas de Belo Horizonte, a Avenida Afonso Pena, é uma das maiores feiras de artes e artesanato a céu aberto da América Latina. A feira acontece semanalmente aos domingos e está dividida em 15 setores específicos, entre eles o setor do artesanato. A Feira Hippie é reconhecida como um ponto turístico da cidade de Belo Horizonte, promovendo significativo fluxo de turistas e dando visibilidade para os indígenas Pataxó conseguirem expor suas artes e vender seus artesanatos.

Por sua vez, por mais que existam lugares estratégicos e favoráveis para as vendas, isso não era o suficiente para conseguir vender. No próximo subtema, irei falar sobre *as dificuldades para vender artesanato* e listar adversidades que alguns entrevistados percebem ao vender seus produtos.

As dificuldades são diversas, começando pelos obstáculos para conseguirem um espaço para expor seus artesanatos nos dois lugares mencionados. Segundo um entrevistado:

[Existia] perseguições de nosso artesanato nas feiras... não podia colocar em lugares públicos, ainda que tenha uma Constituição Federal que não foi rasgada ainda que dá a eles essa autonomia, mas ela não tava sendo cumprida. O município não cumpre... não agrega a essa lei (Índigena entrevistado, 2019).

Ou seja, conseguir lugares estratégicos para as vendas, de acordo com eles, foi um caminho árduo para se concretizar. No entanto, há outra dificuldade, mesmo com a consolidação dos indígenas artesãos na feira e na praça. Os artesanatos fabricados em Belo Horizonte, utilizando bambu, têm custos específicos para serem finalizados. E em períodos de queda nas vendas, fica inviável comprar os materiais para finalizar os artesanatos feitos com bambu, com risco de vir a apodrecer.

Por fim, outra dificuldade mencionada é o deslocamento até a região central de Belo Horizonte. Junto à dificuldade de encontrar transporte para os vendedores e para os artesanatos, há o custo que, muitas vezes, pode ser mais alto que o lucro recebido com as vendas.

Para analisar as diferentes estratégias de vendas adotadas por eles, dediquei o subtema denominado *utilização de estratégias culturais para venda de artesanato* e reuni os relatos dos entrevistados contando como eles otimizam suas vendas. O que percebi em comum a partir dos relatos foi a adoção de mecanismos para divulgar sua cultura com o intuito de vender seus produtos. A divulgação da cultura, como eles dizem, seja em escolas, praças ou palestras, em um momento anterior às vendas, contribui para a sensibilização do cliente, podendo instigá-lo ao desejo de obter um produto feito por indígenas, carregado de uma bagagem cultural.

Em alguns relatos, pude perceber ainda que a vontade de aprender a língua nativa, Patxohã, extrapola o desejo de aprofundamento em sua cultura, sendo também guiada pela finalidade de facilitar o processo de venda e agradar aos clientes que, muitas vezes, pedem aos vendedores, indígenas Pataxó, para falar palavras em Patxohã e ouvir histórias culturais sobre suas vidas ou sobre o processo de fabricação de seus produtos. Isso fica perceptível na fala:

Enquanto nós estamos aqui, nós tamos no artesanato, mas eu pretendo sair fora pra expor os artesanatos. Até mesmo entrar mais na cultura, entender mais, conhecer mais, aprofundar na cultura... Como meu irmão tá aí, ele sabe mais do que eu, ele já tá me ensinando bastante coisa (Índigena entrevistado, 2019).

Que continua explicando o motivo de querer “entrar mais na cultura” e aprender sobre sua língua nativa Patxohã:

Muitas vezes as pessoas me perguntam quando eu tô expondo artesanato e tô trajando, e eles me perguntam e eu não sei responder muitas das coisas, eu não sei responder, entendeu? Então, são coisas assim que ele tá me ensinando, fala em Patxohã, muitas vezes a pessoa... alguma coisa em Patxohã e ela vai me perguntar o que que ele tá falando e eu falo não sei. Aí fica ruim pra gente que é o indígena não saber da própria cultura (Índigena entrevistado, 2019).

Outra situação que me chamou atenção foi sobre as visitas dos indígenas Pataxó nas escolas durante abril, considerado o mês do “índio”. O dia 19 de abril, anteriormente chamado de Dia do Índio, é uma data em que há procura por pessoas indígenas para falarem sobre suas culturas nas escolas. Os entrevistados relataram que, ao mesmo tempo em que há transmissão de conhecimento da etnia Pataxó para as crianças, há oportunidade de vendas dos artesanatos:

E também a gente faz... Como que fala, é... Nas escolas também a gente está dando palestra, sempre agora no mês de abril tem muitas escolas mesmo pra

gente estar divulgando nosso artesanato, estar passando nosso diálogo “pras” crianças nas escolas (Indígena entrevistado, 2019).

Além desta percepção, há críticas a respeito do “Dia do Índio”, atualmente chamado, após o projeto na Câmara dos Deputados em 2022, de Dia dos Povos Indígenas, como podemos observar:

Mostrar cultura nas escolas fazer um trabalho nas escolas, mostrando pro povo não índio como é nosso costume como é que nois veve na aldeia, eles sempre fez esse convite para nós e a gente veio todo mês de abril, dia do índio, sendo dia do índio é todo dia só que o governo botô esse dia pra gente celebrar o dia do índio (Indígena entrevistado, 2019).

Por último, além das estratégias culturais com o intuito de vender seus artesanatos, há o trabalho de ecoturismo. Este trabalho é comum em aldeias que estão abertas para pessoas não indígenas visitarem. O trabalho de ecoturismo, realizado pelos indígenas entrevistados, acontecia em Coroa Vermelha. Atualmente, a aldeia Naô Xohã, lugar em que eles estão, não está apta para o ecoturismo, mas há planos para este projeto. De acordo com um entrevistado:

E fazer o trabalho do ecoturismo, porque aí nós pode pegar faculdades, parques, escolas, creches para as crianças vem ver. [...] A gente pegar as criancinhas igual agora no mês de abril que tem escola (Indígena entrevistado, 2019).

O plano dos indígenas da Aldeia Naô Xohã é organizar a comunidade para ser um ponto turístico e fazer passeios com Universidades, escolas e outras excursões turísticas com o intuito de promover uma fonte de renda para eles, assim como acontece em Coroa Vermelha. A prática do ecoturismo nas aldeias é comum em todo o Brasil. Entretanto, isso pode ser uma complexa dualidade: ao tempo em que pode ser uma boa possibilidade de renda para os indígenas que residem na aldeia, há também empresas de turismo de pessoas não indígenas que podem explorar estes passeios.

Voltando a análise sobre renda e lucro dos artesanatos, foi possível agrupar os relatos em que os entrevistados desabafaram sobre as *dificuldades para sobreviver das vendas dos artesanatos* na RMBH. Como foi dito anteriormente, há diferentes dificuldades para conseguir estabelecer um bom fluxo de vendas, mas, mesmo quando se consegue estabelecer este fluxo, sobreviver do lucro do artesanato é precário.

O grupo relatou dificuldade para conseguir manter e suprir necessidades básicas com o dinheiro das vendas, situação recorrente desde a época de Coroa Vermelha e que se mantém em Belo Horizonte, ainda que de forma mais amena, como aponta o relato:

Artesanato lá não dá muito [Coroa Vermelha]. Por isso que o [parente] sempre procurou ir para as capitais, porque lá o artesanato, se a gente... Na baixa temporada a gente passa necessidade. Chega a ponto até de passar fome, entendeu? E a capital não, a capital ela recebe mais turista, né, de fora... Aqui em Minas a gente encontra o povo mais hospitaleiro... (Indígena entrevistado, 2019).

Pensando especificamente sobre as vendas na capital mineira, por mais que sejam em maiores quantidades, há custos que em Coroa Vermelha não existiam. O deslocamento para as feiras, escolas, praças e parques, por exemplo, são custos que reduzem o lucro das vendas:

Aqui eles tinham que pagar aluguel, eles ia ter que pagar o transporte para poder ir para as feiras, então eles veio com um sonho e chegou aqui e viu que a realidade era outra (Indígena entrevistado, 2019).

O custo do transporte para levar e trazer as peças que não fossem vendidas, muitas vezes, não compensava diante das vendas:

Quando a gente foi conhecer os parentes aqui, nós achamos uma oportunidade no artesanato e de expõe lá na Praça Sete e lá no Parque Municipal, na Feira Hippie. Aí tá dando pra quebrar um galho. Agora, eu parei. [...] O meu tá todo ali, que eu tenho um tanto naquela mesinha ali, você pode olhar lá. Não vale nem a pena a gente gastar quase 100 reais de transporte. Domingo mesmo a gente gastou R\$100,00 de transporte (Indígena entrevistado, 2019).

Viver do dinheiro obtido das vendas dos artesanatos, em Belo Horizonte, é desafiador. Quando alguns destes grupos de entrevistados chegaram na RMBH, foram morar em bairros periféricos da cidade, como dito anteriormente. A escolha dos bairros foi devido a possibilidade de pagar um valor mais barato em aluguéis e outras necessidades básicas como água e luz.

Após a retomada das terras, houve a criação da Aldeia Naô Xohã, deixando de existir os gastos de moradia na cidade. Entretanto, o dinheiro ainda se torna necessário para suprir os gastos na aldeia. Sobreviver do lucro do artesanato, por ser um dinheiro incerto e dependente do fluxo das vendas, traz obstáculos para arcar com os gastos da aldeia.

Devido à instabilidade encontrada no trabalho da venda de artesanatos, alguns entrevistados desabafaram acerca do anseio pelos “*estudos como uma possibilidade de estabilidade financeira*”, por isso, agrupei estes relatos em um subtema para análise. Tais aspirações muitas vezes não eram para si, mas sim para seus filhos ou companheiros, como descrito no relato abaixo:

Ah, cara, ela tem que estudar, né? Os estudos dela são bem adiantado, mais que o meu. Então, ela tem que ter um futuro para ela. Ela quer ser professora. Começou agora, fez uma prova e passou lá e Deus abençoa que ela vai

começar agora. Segunda-feira agora ela começa. Acho que é pedagogia (Indígena entrevistado, 2019).

Neste caso, o entrevistado expõe o desejo de que sua companheira continue os estudos para garantir “um futuro para ela”. Isso foi algo comum que percebi entre as respostas. Há anseios e aspirações, das pessoas que trabalham com a venda de artesanatos e que são provedores dos seus lares, para que seus familiares tenham oportunidades em outras áreas. A fala de um dos entrevistados, sobre a vontade de um “futuro melhor” para o seu filho, exemplifica a dinâmica descrita:

O [meu filho] com fé em Deus vai estudar. Quando ele tiver a idadezinha dele certa, ele vai estudar. Eu quero dar um futuro melhor pro meu filho. É que na verdade você tem que escolher, né, uma coisa ou outra. Através do estudo mesmo, o estudo você tem que... O estudo pra você hoje, você tem que focar no estudo. Se você quer o estudo você tem que focar naquilo. Aí não pode você estar dividido em duas coisas. O que eu posso fazer hoje é fazer meu artesanato e ir guardando um dinheirinho que quando ele estiver a ponto de ele estar estudando para fazer uma faculdade eu mesmo pagar a faculdade dele. Isso eu acho que é a melhor forma pra ele (Indígena entrevistado, 2019).

Assim, a forma que o entrevistado encontra de ajudar o seu filho a alcançar um futuro diferente do dele é continuar a trabalhar com o artesanato e economizar dinheiro para, no futuro, poder custear os estudos do filho. A formação educacional é vista por eles como uma forma de mobilidade social, possibilitando o crescimento na posição socioeconômica de sua família. Por mais que as vendas não resultem em estabilidade financeira, ao menos permitem a manutenção dos gastos de uma família.

A aspiração de conseguir suprir um futuro diferente para seus filhos e/ou companheiros não interfere no orgulho que os mesmos sentem em trabalhar com artesanatos. A venda dos artesanatos fornece, a partir dos relatos coletados, a possibilidade de compartilhar conhecimentos culturais e identitários de sua etnia, sua língua, seus costumes. É algo que traz orgulho. A vontade de querer outras formas de trabalho para seus familiares é somente uma necessidade em razão da baixa remuneração nestes empregos, o que impossibilita viver de forma mais estável e segura.

3.2 Artesanato como expressão cultural: dialogando sobre características culturais

O tema Expressão cultural está dividido em quatro subtemas, sendo eles: aspectos culturais e identitários, divulgação de sua cultura, discriminação sofrida e tentativa de resgate cultural, conforme Tabela 3:

Tabela 3 – Expressão cultural: tema e subtemas

Tema 2	Subtemas
Expressão cultural	Aspectos culturais e identitários
	Divulgação de sua cultura
	Discriminação sofrida
	Tentativa de resgate cultural

Fonte: Elaboração própria, 2023

O primeiro subtema, *aspectos culturais e identitários*, engloba narrativas sobre a importância de conhecer os saberes culturais de sua etnia Pataxó, bem como a necessidade e reivindicação de uma escola na Aldeia Naô Xohã para ensinar as crianças sobre sua cultura, sua língua e saberes geracionais.

Manter as tradições vivas é um objetivo comum entre os entrevistados, e por isso, defendem que a existência de uma escola localizada na própria aldeia facilitaria o ensino de conhecimentos tradicionais. Quando transmitido desde a infância, o conhecimento pode ser enraizado nas crianças e servir como guia para seu crescimento.

A esse respeito, vejo o curso de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, o FIEI – Formação Intercultural para Educadores Indígenas, como um projeto capaz de auxiliar na realização deste objetivo. O curso possibilita a formação e habilitação de professores indígenas com licenciatura plena acrescido de saberes tradicionais com o objetivo de formar professores para lecionar nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio em escolas localizadas em aldeias. Nos últimos anos, o curso formou estudantes indígenas nas etnias Xacriabá, Pataxó, Pataxó Hã Hã Hãe, Maxakali, Pankararu, Guarani Mbya e Guarani Nhandeva, proporcionando autonomia no ensinamento indígenas nas escolas das aldeias e um ensino pautado na educação indígena.

Cursos de graduação como esse podem viabilizar os anseios trazidos pelos entrevistados. Além das necessidades de se ter uma estrutura física para as escolas, é preciso pensar também nos educadores e, de preferência, educadores indígenas para ensinarem os saberes tradicionais.

Algo que os entrevistados relataram a respeito do ensino de suas crianças é a matrícula em escolas na cidade e o afastamento de suas origens, seus saberes e sua cultura. Sobre isso:

A escola que intervém muito na nossa cultura, hoje em dia intervém muito que é uma coisa complicada prá nois que é a educação dos nossos filhos porque nós temos uma cultura que tem uma matéria a mais que é a língua e aí tem essa matéria a mais por causa da a língua, aí a gente fica muito preocupado

porque lá fora não tem como nossos filhos aprender nossos costumes, nossa língua, aprende porque os pais, a gente ensina, mas na aldeia é melhor que é que nem ta na natureza na aldeia, vivendo de perto (Indígena entrevistado, 2019).

Assim, a partir da fala do entrevistado, interpreto pela necessidade de ter uma escola dentro da aldeia por diferentes razões, não somente para ensinar para as crianças a língua nativa Patxohã, como também as inserir no contexto da aldeia, vivenciando o ensino para além das salas de aula, evidenciando o contexto físico como um fator primordial da aprendizagem. Para além do desejo de ter uma escola na aldeia, o fato das crianças indígenas estudarem com crianças não-indígenas influencia na formação cultural das mesmas, o que pode ser observado no trecho a seguir:

Porque tipo assim a cultura, você tinha cultura, você tinha mais a possibilidade de você se achar das pessoas. Ter mais, adquirir mais a cultura. Ter intimidade de explicar mais a cultura pras pessoas. E hoje em dia não tem mais isso lá na Coroa Vermelha. Coroa Vermelha acabou. Hoje em dia transita mais os brancos do que realmente os índios, entendeu? Então essa liberdade aí acabou. São coisas que hoje, nas escola ainda tem, porque tem um professor de Patxohã para ensinar, mas nas ruas você não vê mais quase, entendeu, as coisas indígenas. Vê mais branco falando isso, falando aquilo, entendeu? Então, realmente as coisas indígenas tão acabando dentro da comunidade, entendeu? (Indígena entrevistado, 2019).

A fala anterior demonstra a necessidade de imersão na cultura, não somente ouvir as histórias, mas viver de acordo com a história. Tais atitudes ajudam a permanecer vivo o que os entrevistados mais anseiam: sua própria tradição.

Além das escolas, há também a relação dos aspectos culturais e identitários com o artesanato. Destaquei, anteriormente, a relação dos entrevistados indígenas Pataxó com o artesanato a partir da perspectiva do trabalho e da sobrevivência. Agora, veremos por um novo olhar: como o artesanato se relaciona a partir de um viés cultural e identitário. Para isso, iniciarei com um relato acerca do envolvimento deles com o artesanato e o processo inicial de aprendizagem:

Rapaz, eu aprendi de geração, né cara. Isso é passado de geração, de pai pra filho. Eu aprendi com meu pai, eu vi meu pai fazendo, meus irmãos fazendo, aí eu ficava com curiosidade, olhando, olhando... (Indígena entrevistado, 2019).

O conhecimento é transmitido de geração em geração. Este momento de produção do artesanato possibilita a criação de um vínculo pautado nos saberes tradicionais, criando elos culturais entre familiares. O artesanato é visto como expressão cultural dos entrevistados, sendo

a materialização da cultura Pataxó. Naturalmente, a imersão no mundo do artesanato é algo predominante por parte dos entrevistados. Eles relatam sua relação com o artesanato desde a infância até a vida adulta, tendo a prática de fabricação do mesmo como algo pertencente a sua construção enquanto sujeito:

Não, meu ramo desde meus 10 anos foi artesanato. Artesanato, artesanato e artesanato (Indígena entrevistado, 2019).

Bem como neste outro relato:

Todo mundo no artesanato. Não tem um irmão assim que trabalha em empresa... Tudo no artesanato (Indígena entrevistado, 2019).

Seguir os passos dos outros familiares na área da venda do artesanato soa como algo natural aos mais novos e a isso podemos atribuir, também, aos conhecimentos tradicionais que são transmitidos de forma geracional.

Seguindo com a lógica da transmissão de saberes tradicionais e práticas culturais, entramos no segundo subtema *divulgação de sua cultura*, movimento presente na fala dos entrevistados a respeito da importância que eles atribuem a divulgar sua cultura pela cidade. Para eles, falar sobre sua cultura é uma forma de espalhar o conhecimento sobre sua etnia e ressaltar a diversidade indígena do Brasil:

É porque, não sei se você sabe e tem conhecimento disso: só no Brasil tem mais 280 povos indígenas. Então isso significa que são mais de 280 dialetos, só dentro do Brasil, diferente um do outro, só através dos indígenas. Porque nós somos Pataxós, “nós fala” Patxohã, aí tem os Guarani, já fala Atroco do Mucugê... Aí já tem os Caiapó, que já fala outro idioma... Aí já tem os Xavantes que já é outro... Os Carajás já é outro... Então tudo é índio, mas os idiomas são todos diferenciados, é diferente um do outro, entendendo? (Indígena entrevistado, 2019).

A expressão cultural presente no movimento de divulgação de sua cultura remete não somente ao desejo de espalhar a cultura para outros não indígenas, mas também a um desejo de ser percebido como indígena e ser reconhecido como tal. Segundo o entrevistado a seguir, seria “*expor o nosso eu através da cultura*” e ter o seu espaço para existir na cidade:

Nós temos o direito de expor a nossa... o nosso eu através da cultura, nossos artesanatos que isso é cultura, isso é lei, isso... a gente tem espaço aberto para expor em qualquer lugar, né? Qualquer lugar... (Indígena entrevistado, 2019).

Outro ambiente propício para divulgar sua cultura é nas escolas. Os entrevistados relataram a escola como um ambiente acolhedor para falar sobre sua cultura, sua etnia e as especificidades dos indígenas Pataxó:

A gente tava ali também fazendo o bem para muita gente que vinha, chegava com a maior alegria, tirava fotos e sabia da nossa história, os alunos, o olho chegava a brilhar de muitos quando ouvia a gente contar a nossa história. De fato, o que aconteceu lá no 1500... então, a gente pensou que aquilo ali tava sendo de um ponto positivo pra gente (Indígena entrevistado, 2019).

Essa receptividade, mesma que centrada especialmente no mês de abril, considerado o “mês do índio”, ainda é vista como um ponto positivo por eles, afinal, perceberem que podem ter espaço para falar sobre si seus saberes tradicionais. Isso acontece não somente nas escolas, mas também nas cidades. A presença nas feiras de artesanatos na cidade também são espaços que abrem oportunidades para falar sobre os seus aspectos culturais. Ao tempo que espalhar seus saberes culturais para conhecimento dos outros não indígenas é uma forma de transmitir conhecimentos culturais e afirmar suas identidades, é também um mecanismo que aproxima os clientes de seus produtos, facilitando as vendas – o problema central discutido nesta pesquisa.

Por outro lado, o movimento de divulgação sobre si e seus aspectos culturais trazem consigo outra face: o racismo na cidade. Dedico o subtema “*discriminação sofrida*”, aos relatos de racismo contra as existências indígenas em uma cidade não indígena. A esse respeito, um entrevistado desabafa:

Por conta da exposição do artesanato e de nossa presença que achou que a gente andando assim com o uracatá e maracá e com todo nosso tupi... achou que a gente tava andando despido e desrespeitando a população, né? Exigiram que a gente vestisse a roupa do branco e aí a gente não aprendeu dessa forma (Indígena entrevistado, 2019).

A discriminação que os entrevistados indígenas Pataxó sofreram, e ainda sofrem, seja em Belo Horizonte ou em outras cidades citadas, como São Paulo e Brasília, ultrapassa episódios verbais. Segundo alguns relatos, que serão aprofundados no tema seguinte, as consequências do racismo praticado contra os indígenas Pataxó em Belo Horizonte levaram alguns de seus parentes a morte. O relato seguinte é ilustrativo sobre tal problemática:

O que a gente se sabe é que ele só fazia o artesanato dele e vendia artesanato dele aí, mas acho que por se apresentar como indígena, porque sempre ele tava lá na Praça Sete, na Feira Hippie, no nosso meio, porque o índio sempre tá onde o índio tá e aí ele acabou morrendo (Indígena entrevistado, 2019).

De acordo com o entrevistado, o fator que levou a morte de seu parente foi por ele “se apresentar como indígena” e reafirmar sua identidade étnica. Os episódios de racismo na cidade podem extrapolar a violência verbal e simbólica, culminando na violência física. Seja por questionar identidades, por não corresponderem aos estereótipos criados do que se esperam “ser indígena”, ou mesmo por negar a presença indígena na cidade, as diferentes formas de violências são sofridas, percebidas e relatadas pelos entrevistados:

só que aí a gente esperava que também a população do branco também eles tivessem a receptividade com a gente do mesmo jeito que a gente tem com eles, mas não foi assim

Ainda que episódios de racismo e discriminação sejam recorrentes na vida dos indígenas entrevistados, eles resistem ocupando a cidade em suas dimensões física e simbólica. Sobre tal movimento, dedico o subtema “*tentativa de resgate cultural*” como um movimento de resistência cultural na cidade por parte dos entrevistados. Reuni as narrativas que contemplam os inúmeros movimentos para recuperar e manter viva a tradição indígena Pataxó entre as gerações.

Novamente, a discussão sobre a importância de ter uma escola na aldeia aparece. Na escola, há possibilidade de retomar os saberes tradicionais e culturais, resgatando aquilo de mais precioso que foi tomado: a história ancestral.

Muitas vezes as pessoas me pergunta quando eu tô expondo artesanato e tô trajando, e eles me perguntam e eu não sei responder muitas das coisas, eu não sei responder, entendeu? Então, são coisas assim que ele tá me ensinando, fala em Patxohã, muitas vezes a pessoa... alguma coisa em Patxohã e ela vai me perguntar o que que ele tá falando e eu falo não sei (Indígena entrevistado, 2019).

Neste caso acima, o entrevistado relata não saber a sua própria língua nativa. O fato de não saber seria sua culpa? A ancestralidade indígena, apagada na história do Brasil, faz com que muitos indígenas não encontrem suas etnias de origem, ou que não saibam falar a sua língua nativa. O processo de colonização do Brasil pode ser visto como o acontecimento histórico responsável pelo desaparecimento da cultura indígena, não somente fora das aldeias, mas também entre os seus. Por isso a importância do resgate cultural, afinal, é preciso criar mecanismos para resgatar o que foi tomado. Assim, a escola é percebida como um espaço que segue na linha deste movimento:

Eu acho que para tudo isso a gente precisa também, desenvolver, ajudar a desenvolver a aldeia pra que venha ter um colégio, que isso também não aprende da noite para o dia, a cultura da aldeia, a língua Patxohã, você precisa ter um professor pra tar passando algo que ele já sabe pra gente... então, a gente tem esse professor dentro da aldeia, mas pra isso a gente tem que ter um espaço para poder fazer uma escolazinha... (Indígena entrevistado, 2019).

Este subtema finaliza a segunda temática: *Expressão cultural*. A partir desse tema, tive a intenção de destacar os principais pontos trazidos pelos indígenas Pataxó nas entrevistas a

respeito de sua relação com a cultura, termo determinado por eles. A seguir, finalizando as temáticas, comento sobre as relações do existir indígena como algo conflituoso na cidade.

3.3 Artesanato como conflito: elo entre a aldeia e a cidade

Senti a necessidade de separar as narrativas dos entrevistados em um tema denominado de *Conflitos* por perceber como a presença indígena na cidade, marcada principalmente por intermédio do artesanato, pode desencadear situações conflituosas. As causas dos conflitos podem ser inúmeras. Nesta pesquisa, percebi três momentos em que o conflito aparece em suas narrativas e os separei subtemas, conforme Tabela 4:

Tabela 4 – Conflitos: tema e subtemas

Tema 3	Subtemas
Conflitos	Conflitos com a polícia
	Morte de parentes
	Estratégias de luta coletiva

Fonte: Elaboração própria, 2023.

No primeiro subtema, discuto as narrativas que englobam os conflitos entre os indígenas e os policiais ocorridos na cidade. As consequências desses conflitos são marcadas pela morte de parentes e apreensão de artesanatos. Segundo os relatos dos entrevistados, a polícia de Belo Horizonte não os receberam de forma amistosa, pelo contrário, os encontros eram marcados por violência:

Mas como a cidade de Belo Horizonte é uma cidade muito despreparada para esse assunto e também faz vista grossa para isso, não querem, na verdade, quando a gente se propõe a ceder informação, eles não queriam saber de nada, simplesmente diziam eles que queria cumprir a lei municipal e acabava batendo, acabava quebrando os nossos artesanatos, alguns parentes saiam machucados, lesionados, entendeu? Era expulso do lugar. Tinhas as peças apreendidas... (Indígena entrevistado, 2019).

Ao expor seus artesanatos em alguns pontos da cidade para vender, muitos tiveram seus produtos apreendidos pela polícia e, quando tentavam argumentar, apanhavam dos policiais, como afirmou o entrevistado acima.

Os conflitos com a polícia, algumas vezes, resultaram na morte de seus parentes, de acordo com seus relatos. Para tratar sobre as *mortes de parentes*, reuni as narrativas dos entrevistados em um subtema dedicado a isso, onde todas elas envolvem conflitos com a polícia

ou com órgãos públicos. De acordo com os entrevistados, o motivo das mortes de seus parentes se dá em razão da vivência deles na cidade:

Aí nós viemos para cá, ao chegar aqui nois teve uma perca de um parente nosso né, que foi morto. Aí depois dele veio o nosso tio que foi morto com um tiro nas costas. Tudo por demonstrar a cultura, né? Mostra a arte (Indígena entrevistado, 2019).

A morte de seus parentes é vista por eles como consequência de ser quem são. Ser indígena, em um “mundo dos brancos”, é viver em eterno conflito, assim como desabafa o entrevistado:

e falou pra gente que se a gente tava sofrendo isso é por que a gente tá na aldeia do branco. E o índio tem que tá na aldeia do índio, que a aldeia do índio é na mata, o branco vive na selva deles de pedra. E lá tem aquele dizer que galo no terreiro dos outros vira galinha. Isso aí já deu para entender pra gente, pra mim e [pro parente] que a gente tava sofrendo isso, porque a gente tava no espaço dos outros (Indígena entrevistado, 2019).

Os conflitos entre indígenas e não-indígenas, no “mundo dos brancos”, pode ser visto por algumas pessoas indígenas como um “fluxo natural” que sempre irá acontecer se o “índio estiver na aldeia do branco”. Percebo, a partir do relato acima, a necessidade que eles sentem em separar seus espaços para existir. Logo, a submissão de uma classe a outra é algo certo: um dos mundos sempre será massacrado. E esse mundo sempre será o do desprivilegiado – o mundo indígena.

Há espaço, a partir das falas dos entrevistados, para interpretação dessa maneira: enquanto o indígena estiver na terra dos brancos, haverá medo da morte. Entretanto, também é possível perceber uma tentativa de mudar este cenário, de lutar por um lugar e poder ser reconhecido por sua identidade indígena na cidade. A esse respeito, finalizo a temática *conflitos* com o subtema *estratégias de luta coletiva* que contempla relatos dos Pataxó destacando a importância de mobilizar e organizar lutas em prol de terras e de espaços para existirem e venderem seus artesanatos:

Tamo aí na luta. Não pode deixar parente lutar sozinho, não, porque um sozinho é fraco. 2 ou 3 é mais forte do que um. E hoje o governo quer mais nos dividir, e como fala, quer mais dividir o povo, desmunir a força, para eles vencer. Eles quer isso. Então nós não vamos fazer a vontade do governo não, nós vamos fazer o contrário, nós vamos unir, correr atrás todo mundo junto do mesmo objetivo... que nós venceremos (Indígena entrevistado, 2019).

A partir dos relatos, percebe-se um movimento de organização entre eles. Estratégias adotadas para o melhor funcionamento da luta:

Eu não posso mais vender artesanato, porque agora eu sou um cacique. Então, eu tenho que cuidar do jurídico da minha aldeia, documentação, organização, tudo. Se não tira o foco da nossa cultura, é isso (Indígena entrevistado, 2019).

Eles destacam a importância de separar as funções de cada um na aldeia para conquistarem aquilo que almejam.

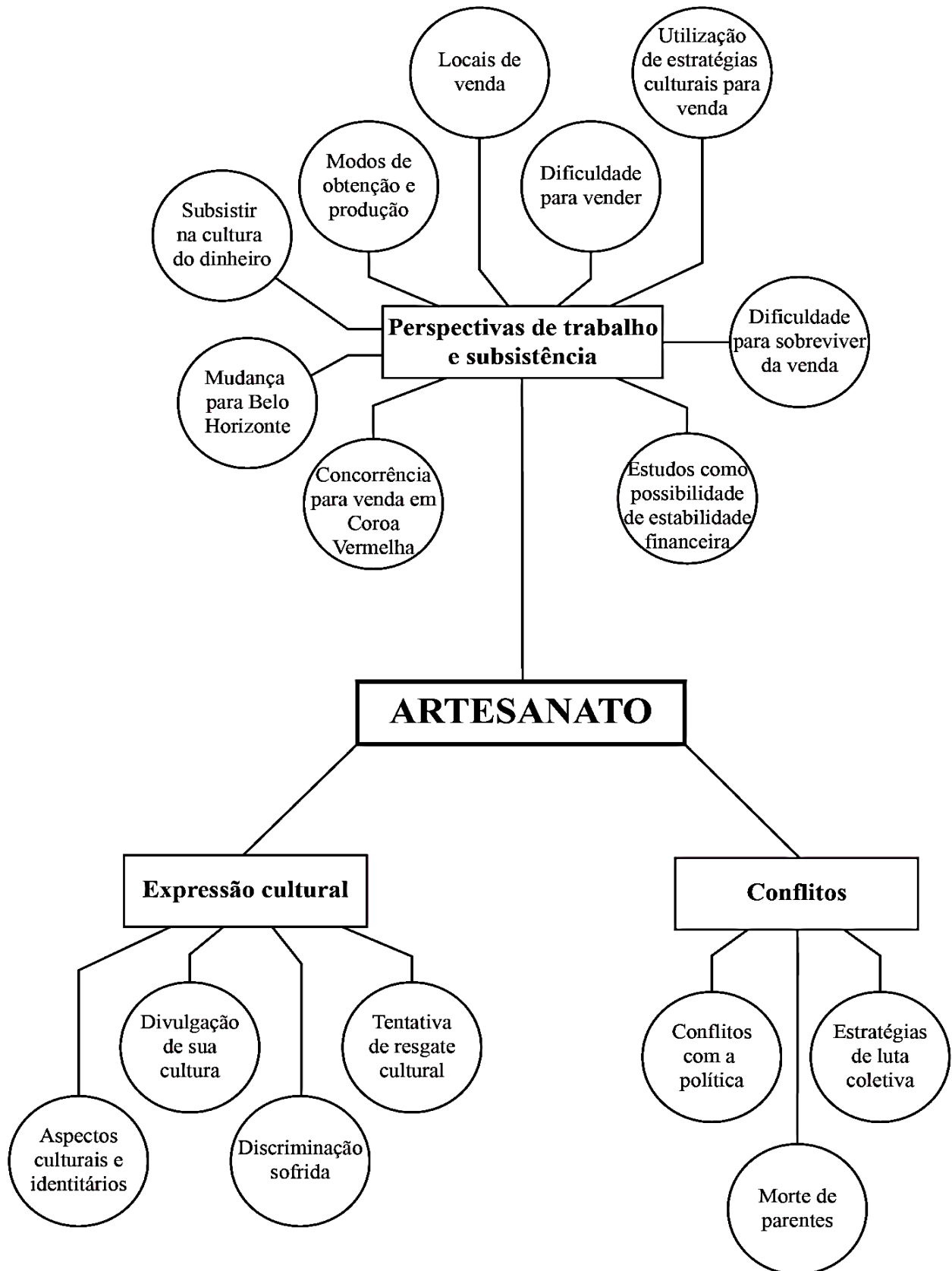
3.4 Mapa temático

Seguindo os passos de Braun e Clarke (2006) e todas as etapas da análise temática, cheguei a três temas que contemplam os dados retirados do extrato de dados, como sugerem as autoras. Após as etapas, cheguei ao resultado de três temas gerais e dezesseis subtemas, abordando sobre as perspectivas do trabalho e subsistência, expressões culturais e conflitos.

Com o intuito de compreender como o artesanato pode ser visto enquanto instrumento de subsistência, cultura e conflito no estabelecimento dos indígenas na cidade, tais temas e subtemas possuem o objetivo de contemplar as análises feitas. O mapa temático (Figura 1), como proposto por Braun e Clarke (2006), foi o resultado das etapas realizadas ao longo da extração dos dados.

Apesar de ter dedicado um dos temas aos conflitos, relacionando-os diretamente à questão do artesanato, o conflito também atua enquanto contexto de todos os temas e subtemas. Isso ocorre pois todos os outros temas e subtemas relacionam-se à ideia de disputas, de atritos e de conflitos. Os três subtemas relacionados diretamente ao tema *Conflitos* são resultados diretos de todo o contexto que envolve o artesanato indígena que percebi ao longo das análises das entrevistas.

Figura 1 – Mapa temático com os temas e subtemas



Fonte: Elaboração própria, 2023.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou contribuir com a área dos estudos sociais sobre indígenas nas cidades, tendo o artesanato como elemento de possibilidade para nela permanecer, uma vez que sua comercialização nas cidades é capaz de proporcionar uma fonte de renda para os indígenas.

A pesquisa, de caráter qualitativo e indutivo, possibilitou, a partir da análise dos dados, chegar a três grandes temas, de acordo com a metodologia utilizada. O primeiro tema intitulado **“Perspectivas de trabalho e subsistência”**, com nove subtemas, concentrou as discussões a respeito da leitura do artesanato como uma possibilidade de atividade econômica e de subsistência. Neste tema, cheguei aos seguintes resultados: os indígenas Pataxó, residentes de Coroa Vermelha, decidiram procurar outros lugares para comercializar os artesanatos devido à alta concorrência, entre os próprios indígenas daquela região, além disso, essa busca por novos lugares para comercializar levaram alguns Pataxó a se deslocarem para Belo Horizonte e permanecerem na cidade. No entanto, a expectativa com a cidade não foi atendida. Existia o sonho de encontrar boas condições de vida, mas eles não conseguiram encontrar isso em Belo Horizonte. Ao chegarem na cidade, muitos foram morar em bairros periféricos, tendo dificuldades de locomoção para as regiões centrais a fim de venderem seus artesanatos. Os Pataxó utilizam diferentes estratégias para esta comercialização, no entanto, uma delas se destacou nas análises das entrevistas: a utilização da cultura como recurso para venda. O aprendizado da própria cultura, além de ser um meio para a manutenção das tradições, também serve ao interesse comercial. Motivados pela vontade de aprender sobre sua cultura, perceberam que “aprofundar na cultura”, como alguns disseram, seria “vantajoso” para também atrair os clientes.

Segundo os relatos Pataxó, foi possível perceber a dificuldade relatada por este povo de sobreviverem somente com a renda dos artesanatos. Mesmo que tal atividade econômica seja algo prazeroso para eles, a renda obtida é insuficiente e instável. Por fim percebi, na fala dos entrevistados, a expectativa existente nos estudos, observando tal caminho como forma de ascensão social. Alguns dos entrevistados possuíam familiares que estudavam e todos demonstraram ter uma expectativa quanto aos estudos.

O segundo tema intitulado **“Expressão cultural”**, com quatro subtemas encontrados, concentrou as discussões a respeito da leitura do artesanato como uma expressão cultural dos indígenas Pataxó. Neste tema, cheguei aos seguintes resultados: os indígenas Pataxó

demonstraram um árduo desejo em construir uma escola na aldeia Naô Xohã, almejando a possibilidade de ensinarem as crianças, desde pequenas, sobre a cultura Pataxó, além de transmitirem a língua nativa Patxohã. Isso porque, quando as crianças precisam estudar em escolas fora da aldeia, há um intenso contato com crianças não-indígenas, resultando em um afastamento cultural das tradições originárias. Outro ponto percebido nas entrevistas foram os relatos de discriminação sofrida por eles na cidade. Os Pataxó relataram sofrer situações de discriminação mais recorrentes quando estavam usando trajes culturais. Casos de racismo são ainda mais evidentes quando os indígenas estão vendendo artesanatos ou quando usam roupas específicas de sua cultura.

Por fim, no terceiro tema, intitulado “**Conflitos**”, com três subtemas encontrados, concentrei as discussões sobre as principais situações de violências mencionadas pelos entrevistados. Tais violências e situações de conflitos são marcadas principalmente pela presença dos indígenas nas cidades e pelos momentos de comercialização dos artesanatos. Neste tema, cheguei aos seguintes resultados: os conflitos dos indígenas Pataxó com os policiais são constantes na cidade de Belo Horizonte. Esses conflitos resultaram nas mortes de indígenas Pataxó e na apreensão de artesanatos. Pela perspectiva Pataxó, as mortes de seus parentes eram motivadas pelo racismo dos policiais contra eles. Segundo um entrevistado “depois dele veio o nosso tio que foi morto com um tiro nas costas. Tudo por demonstrar a cultura, né? Mostra a arte”. Outras mortes de parentes também foram relatadas pelos entrevistados Pataxó e, de acordo com eles, todas foram ocasionadas pelo racismo contra indígenas. Tais mortes aconteceram na cidade, no “mundo dos brancos”, o que gera nos indígenas Pataxó um sentimento de não pertencimento ao lugar, uma vez que eles não se sentem seguros, como percebido neste relato: “[ela] falou pra gente que se a gente tava sofrendo isso é por que a gente tá na aldeia do branco. E o índio tem que tá na aldeia do índio, que a aldeia do índio é na mata, o branco vive na selva deles de pedra”. Por fim, consegui perceber diversas situações de conflitos que perpassam todas as situações relatadas pelos entrevistados, não somente nas falas que separei para analisar esta categoria. Foi possível perceber que a presença indígena na cidade é marcada pelo conflito.

Encerro esta pesquisa acreditando em possibilidades futuras para serem exploradas a partir deste assunto que é vasto e diverso. Busquei contribuir para o entendimento do artesanato que pode ser, ao mesmo tempo, possibilidade de fonte de renda e expressão cultural, inserido em um contexto de conflitos. Acredito que discussões pautadas na identidade indígena e o contato com não-indígenas poderiam ser exploradas a partir desta pesquisa, buscando

aprofundar nesta discussão e ressaltando os aspectos racistas que perpassam e afetam as subjetividades Pataxó.

5. REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, P. Bases para o estabelecimento da Reserva Pataxó. **Revista de Antropologia**, v. 23, p. 19-29. 1980. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110839>. Acesso: 28 de outubro de 2023.
- BAETA, A. Indígenas nas cidades: memórias “esquecidas” e direitos violados. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, ano 19, n. 319, v. 19. 2021.
- BONIN, I. T. A violência como traço visível do racismo contra povos indígenas. In: **Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil: dados de 2021**. Brasília: CIMI, 2021.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3, p. 77-101. 2006.
- BEHAR, R. **The Vulnerable Observer: Anthropology that breaks your heart**. Boston: Beacon Press, 1996.
- CAMPOS, M. B.; DE CAMPOS, T. B. Migração e mobilidade espacial em uma rede multilocal: o caso dos Pataxó na RMBH. **Redes**, Santa Cruz Do Sul, v. 27, p. 1-20. 2022.
- CAMPOS, Marden Barbosa de; CAMPOS, Thiago Barbosa de. A urbanização dos indígenas à luz da teoria urbana crítica: interpretações a partir dos Pataxó na Região Metropolitana de Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 420-440, jan./abr. 2023.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Urbanização e Tribalismo – A integração dos Índios Terena numa sociedade de classes**. São Paulo: Zahar Editores, 1968.
- CASTILHO, M. A.; DORSA, A. C.; SANTOS, M. C. L. F.; OLIVEIRA, M. M. G. Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações**, Campo Grande, v. 18, n. 3, p. 191–202. 2017. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1518>. Acesso em: 28 out. 2023.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CUNHA, R. V. **Artesanato Pataxó: diversidade de materiais, práticas culturais em processo**. 2013. 110 p. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar, Instituições, Sujeitos e Currículos) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.
- DE CAMPOS, T.B. **Retomar a terra: como ser indígena na região metropolitana de Belo Horizonte**. 2019. 123 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2019.

DE PAULA, L. R. Afirmação de direitos indígenas em contextos ampliados de interação social: referências bibliográficas e alguns problemas de investigação. **ARACÊ - Direitos Humanos em Revista**. Ano 4, n.5, fevereiro, p. 295-322. 2017.

GRÜNEWALD, R. A. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**. Outubro, v. 9, n. 20, p. 141-159. 2003.

GRÜNEWALD, R. A. Turismo na Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha: imperialismo e pós-colonialidade na região do Descobrimento do Brasil. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. V. 13, n. 2, Special Issue, p. 411-424. 2015.

MAHER, T. M. Formação de Professores Indígenas: uma discussão introdutória. GRUPIONI, L.D.B. (org.) **Formação de Professores Indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: MEC/SECAD, p. 11-38. 2006.

NEVES, S. C. **A apropriação indígena do turismo: os Pataxó de Coroa Vermelha e a expressão da tradição**. 2012. 225 p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

NEVES, S. C. “O Índio não gosta de ficar cativo”: Trabalho e Atividades Econômicas dos Pataxó da Aldeia de Coroa Vermelha. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. V. 13, n. 1, p. 131-143. 2015.

OLIVEIRA FILHO, J. P. Pardos, Mestiços ou caboclos: os índios nos censos nacionais do Brasil (1872-1980). **Horizontes Antropológicos**, vol. 3, n. 6, Porto Alegre, Oct, 1997.

OLIVEIRA FILHO, J. P. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org). **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 1999.

PEREIRA, J. C. M. Indígenas na cidade de Manaus (AM). **Novos Cadernos NAEA**. V. 23, n. 3, set-dez, p. 11-31. 2020

PONTES, A. L., HACON, V.; TERENA, L.; SANTOS, R. (orgs.). **Vozes indígenas na saúde: trajetórias, memórias e protagonismos**. 1ª ed. Belo Horizonte: Piseagrama, 2022.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. População indígena: Brasil tem 1,69 milhão de indígenas, aponta Censo 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/08/brasil-tem-1-69-milhao-de-indigenas-aponta-censo-2022>. Acesso em 29 out. 2023.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.